3 1761 06864474 9

PQ
9697
S556C3

LIBROS USADOS, REENCUADERNADOS
Y DESINFECTADOS

JERONIMO SIMOES.

Cantos de Invierno.

"La Bolsa de los Libros"
SARANDI. 441 MONTEVIDEO

Cantos do Inverno.

POR

JERONYMO SIMÕES

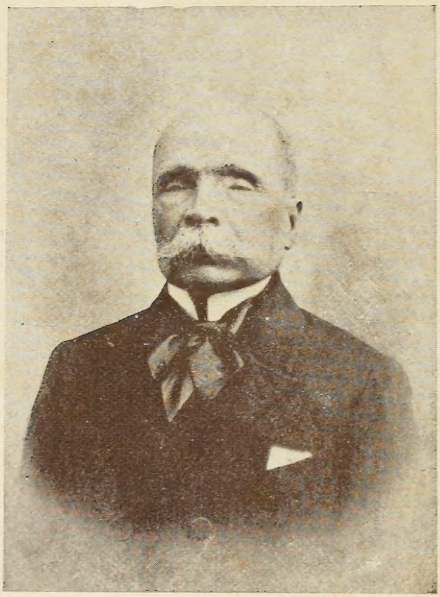
RIO DE JANEIRO
Typ. do *Jornal do Commercio*, de Rodrigues & C.
—
1909

LIBRARY
JUL 17 1972
UNIVERSITY OF TORONTO

PQ
9697
S556C3

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/cantosdoinverno00sim



Jeronymo Simões

PREFACIO

Tenho a subida honra e sinto-me desvanecida em apresentar ao leitor o meu distincto collega Jeronymo Simões. E' um desses poetas que como as violetas perfumosas, aconchegadas ás folhas escondidas, vivia sem que eu soubesse onde, pleno de modestia, simples, quando um dia tive o supremo prazer de receber um convite, devendo ir a uma casa para mim desconhecida e, simplesmente sabia que era seu chefe o dono das poesias que o leitor terá, a proporção que fôr descotinando o doce mysterio das paginas, o prazer de ler. Penhoradissima guardo indelevelmente dentro d'alma a recordação doce da impressão desse conhecimento.

Cantos do Inverno, quer o poeta nos fazer crer, porque tenha uns fios prateados no seu cabello, que em su'alma, só ha, *Cantos do Inverno;* porém, vêde leitor, quanta primavera trescalando aromas e espargindo risos existe nestas paginas onde os seus bons versos palpitantes de emoção, cheios de inspiração, feitos com arte e expontaneidade, tendo as bellas reminiscencias da poesia grega, do tempo de Homero, Alcêo e outros.

E dizem alguns litteratos que é erro crasso pensar que a poesia é nata, expontanea, pois os *Cantos do Inverno* vem provar que ella é absolutamente um dom natural, e que, depois o verso bem burilado é o que se

póde chamar a sua vestidura, a roupagem da poesia, o seu retoque mesmo, mas julgal-a sómente uma arte é que se torna impossivel.

Imagina leitor, porque é uma verdade, o poeta dos *Cantos do Inverno não* vê o azul do céo, o brilho das estrellas, a luz do luar ameno, os sorrisos das crianças, a graça da mulher e os encantos que possa ter uma bella cabeça masculina, e, no entanto elle canta o bello e falla da luz, dessa formosa luz que seus olhos não vêm, pois, o meu collega tem a desventura de ser cego!

Mas, um dia, longe talvez vae essa data plena de felicidades, elle vio toda a belleza da natureza, todo o encanto da vida, guardou-os no reconditos de su'alma, nesse escrinio dos affectos, e hoje, que as primaveras já se foram com as esperanças e elle inspira-se nos *Cantos do Inverno,* e a inspiração é poetica, attrahente e cheia de encantos. . .

No inverno, descem das montanhas as densas camadas de neblina e, tarde já, é que, desfeito o intenso véo todo branco como o véo da noiva a envolvel-a n'um carinho doce, apparece então o sol, fraco como um anemico, pusilanime n'uma carencia de luz forte e vibrante, e beija então a terra n'uma frieza de amante aborrecido farto da caricia outr'ora desejada ardentemente. As folhas vão amarellecendo, murchas cahem pouco a pouco flagelladas pelos rigores do inverno, e, no doce aconchego do lar, aquecem lume, envolvem-se em lãs que agazalham carinhosamente o corpo.

E' dos abastados essa época em que se torna precizo todo o conforto e ai daquelle que soffre as suas intemperies sem ter o que é necessario para passar essa quadra em que o calor é preciso!

Pobres almas vasias sem o conforto do affecto que lhes aquecerá carinhosamente nesse lapso de tempo em que, embora o frio martyrize, lá fóra pelos campos, nos jardins formosos vicejam magnolias, chrysanthemos e rosas perfumosas inundando a vida de poesia e *Cantos do Inverno.*

No entanto, antes que elle domine completamente com suas noites frigidas, chuvosas, humidas, quando o pobre vê com tristeza a lareira apagada, e não sorve aos gollos o café que aquece o estomago não tendo o beijo que anima a alma, vivifica a vida, temos ainda os bellos dias de Maio, seccos, de um céo eternamente azul, as bellas noites de luar, plenas de encantos, e á tardinha lá vão na curva do caminho que conduz á branca capellinha do arrabalde as moças n'um bando meigo e piedoso rezar o terço á Nossa Senhora, e evola-se n'uma prece a alma candida da donzella, evocando talvez o prestigio da Virgem Santa para a conversão de algum peccador que seu coração estima, e pelo qual anceia...

Voltam depois a rir n'um gargalhar franco, sonoro, felizes, plenas de esperanças e lhes parece então, almas crentes, sãs, puras, que a Virgem nada lhes negará, que o seu pedido será acceito, e na quentura de um leito macio, confortavel dormem socegadamente o somno de quem é bom, de quem confia e tem a bafejar-lhe a fronte o sopro consolador da crença que a envolve toda em promessas felizes e nos *Cantos do Inverno*.

Não vos esqueçais, creaturas ditosas, de que lá na escuridão da mansarda a miseria domina, e no frio então, quando a neblina envolve as montanhas, em flócos de neve que vae cahindo aos poucos, é que a fome enterra mais a garra adunca na carne do pobre.

Quando passares, donzella formosa, toda de branco, n'uma tarde de inverno envolta em pelisas, pelas avènidas n'um automovel e a tarde, em caminho de casa, n'uma carreira infrene, vendo os edificios em cabriolas, aligeros, como que fugindo da carreira louca do motor da gazolina que te conduz formosa, requestada, admirada aos olhos dos que te fitam enlevados, tira da tua bolsa rescendendo a perfume impregnante, uma moeda, e deixa-a cahir na mão do po-

bre que, ancioso, quando vaes saltar, todo medroso, achega-se á ti e pede n'uma voz já fraca: uma esmolinha pelo amor de Deus! Verás então como elle sorri contente ao lembrar-se que, chegando em casa deitará lume ao fogão e a velha companheira esqualida a tiritar, ficará então agil, e pressurosa aquecerá qualquer cousa que ficou da vespera e, acalentará su'alma de pobre.

Então, talvez que a Virgem Santa agradecida te conceda a graça que lhe pediste quando foste toda de branco vestida, rezar o terço na capellinha do arrabalde com as tuas amiguinhas quando o azul do céo já desmaiava e as estrellas vinham surgindo, piscando maldosas para teu lado, pois, talvez tivessem ouvido o segredo da tua prece quando chegou ao throno da Santa Mãe do Senhor, que concede sempre ás almas caridosas uma particula do bem que em fulgurações sublimes desce do céo sobre as frontes dos que não se esquecem no conforto em que a sorte os lançou, que lá na profunda escuridão de um quartinho, onde o ar não penetra, o pobre as vezes se estorce na agonia da fome, pensa que já não ha primaveras e nem sabe os enlevos dos *Cantos do Inverno*.

No inverno é que se aconchegam mais as almas, e todos os sentimentos que escondem-se dentro d'alma surgem vibrantes, fortes, n'uma ancia de carinhos e affectos.

A mão gelada procura aquecer-se n'um pelego ou n'outra mão honesta que ama e respeita, e, como será doce e caricioso quando, n'uma transfusão de affecto puro como o sorriso da criança, as mãos se encontram e procuram aquecer-se mutuamente, e caso exquisito: de dous flócos de neve, como sejam duas mãos alvas, frias, surge o calor que nasce do recondito da alma e, arrancando dos arcanos do amor surge então a vida, e quando assim succede não ha inverno que tenha rigor, não ha frio que não possa ser aquecido...

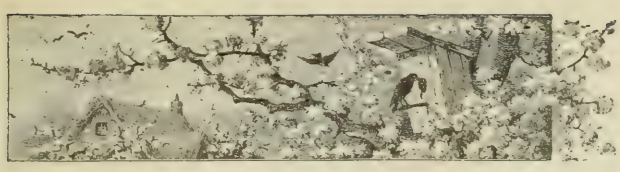
Como é bello o inverno quando crepita a lareira, e quando do lume de seus olhos se irradiam chispas que aquecem a alma e descem das montanhas as densas e espessas camadas de neblina e por sobre a natureza gorgeiam os passaros, formosos *Cantos do Inverno*...

Não se arrependerá o leitor de passar os olhos por este livro que, se não foi feito com a luz que brilha n'uma pupilla negra, foi no entanto burilado com a encantadora luz do talento e da inspiração sublime, nascido do sacrario—o coração, pois, o meu collega e amigo é possuidor de um desses talentos que vivem na penumbra por uma natural modestia, e, se Jeronymo Simões não era conhecido ainda como um poeta de intrinseco valor, não é no entanto um desconhecido da sociedade fluminense.

Homem intelligente, tem o seu verso a belleza e a pujança da poesia antiga, é fluente, gracil, vivace, historica e, nas paginas do livro *Cantos do Inverno* nada ha a desejar, na minha opinião, e, sendo uma estréa, para mim elle é um artista consummado; surgio já feito, com o verso de valor, poesias fortes, e onde o leitor poderá ter horas intellectuaes envolvidas no sonho, na suavidade e nas illusões formosas, vendo surgir dos *Cantos do Inverno* as bellas flôres da Primavera do Talento!

Sinto meu coração satisfeito em apresentar tão distincto poeta, e vejo mesmo que não estou ainda na culminancia precisa para intellectualmente fazer conhecido e patrocinar um livro de tão subido valor litterario como o que palpita nas paginas plenas de Poesia e Arte dos *Cantos do Inverno!* Brisas beneficas o levem pela estrada ingreme da Litteratura Brasileira!

JULIA CESAR.



* * *

Todos conhecem o phenomeno vegetal que apresentam certas plantas, cujo caule, subterraneamente prolongado, brota e floresce á longinquas distancias do germen primitivo.

No dominio da intelligencia ha dessas mysteriosas continuidades, no decurso das quaes se observa ás vezes que, como si lhe duplicasse o vigor a apparente hybernação, o novo rebento reveste-se de viço e formosura que aos outros faltára.

Isto, quer se trate de aptidões naturaes, que circumstancias propicias desenvolvem, quer se trate de instinctos, sentimentos ou idéas, de procedencia alheia, que deparão afinal écho favoravel

Jeronymo Simões pertenceu á geração notavel, que, no decennio de 1870, surgiu para a vida activa do paiz. Foi um dos signatarios do manifesto republicano daquella data e um dos mais convictos e prestimosos abolicionistas. No exercicio de funcções civicas, expontaneamente assumidas, na imprensa, nos corpos collectivos, na tribuna das conferencias publicas, sempre revellou-se moderado, tolerante, cordial, concedendo á parte destruidora da propaganda um papel secundario apenas.

Naquella época abundavam as seducções para os temperamentos litterarios. Clubs, associações, jornaes, onde o espirito renovador se infiltrára, promoviam uma orientação social cada vez mais decisiva. O termo da infeliz guerra do Paraguay, a organisação do partido republicano, as consequencias moraes da lei que subtrahiu a maternidade das escravas ao captiveiro, lançavam o pensamento politico em direcções que pareciam audaciosas.

Sabe-se que agitaram-se os homens, mas a Humanidade os conduziu; o progresso, então, como sempre, foi o desenvolvimento da ordem. Aboliu-se a escravidão, proclamou-se a Republica, reconheceu-se o principio da completa liberdade espiritual: ha de chegar a vez da dictadura positivista, a quota immorredoura com que o Brazil irá contribuir para o capital da civilisação humana.

Uma cruel enfermidade, arrebatando-lhe a visão das cousas do mundo, exilou, no seio da familia, quem, apesar dos annos, ainda era valido para o trabalho.

Foi então que a musa da saudade trouxe-lhe ao coração as vibrações melancolicas repercutidas nos espaços de outr'ora. O que podia haver de amargura nessa evocação de uma eflorescencia mental, que o tempo envolvera nas névoas do passado, suavisava-se pelo intimo effeito da commoção esthetica, voluntariamente provocada.

A analyse dos phenomenos da memoria, que tão bellas paginas inspirou ao genio de Hume, mostra que muitas vezes a lembrança do facto é differente do proprio facto. O espirito, deixando de ser passivo, regressando ao passado, obedece á attenção, e é, pois, a vontade, instrumento essencial nesse acto psychico, quem dalli extrae o aspecto preferido. A linguagem distingue entre as duas memorias: nós temos *lembrar* e *recordar*, os francezes *se souvenir* e *rappeler*, os inglezes *remember* e *remind*, os latinos tinham *meminisse* e *reminisci* e os gregos *mneme* e *anamnesis*.

Ao impulso affectivo recebido pela intelligencia, a meditação nesses casos exercita-se com tanto maior intensidade quanto tem de supprir deficiencias da contemplação externa.

E, independente da causa morbida que priva as concepções poeticas de JERONYMO SIMÕES do energico estimulo por aquelle meio proporcionado á imaginação, os ohmens, em geral, como observa Augusto Comte, são de tal modo propensos á vida subjectiva que esta prevalece mais á medida que remontamos para a idade ingenua da plena expontaneidade individual ou collectiva.

A expressão, nestes versos, si elles fossem escriptos ha alguns annos, se resentiria dos habitos do jornalismo e da oratoria propagandista. Era logico que o estylo participasse da personalissima causa que o applicava: tornada mais nitida, perceptiva, distincta e precisa a audição, iguaes caractéres naturalmente extendem-se á significação que recebem no cérebro as fórmas phonicas transmittidas. Não é possivel a obra poetica sem que a emoção que a determina, se torne, nos sons apropriados, reconhecivel e communicavel. Perdendo a feição popular de origem, o lyrismo vae cada vez exigindo mais em materia de vocabulario. Nada é indifferente ao sentimento, nem mesmo os termos com que os devemos traduzir. Mas isto não impõe o apuro, a affectação, a difficuldade da linguagem que fazem ver na poesia apenas uma laboriosa gestação de phrases, incompativel com a sinceridade da triplice funcção da alma do poeta, quando observa, idealisa e exprime.

A generosa persistencia de antigo affecto, associada a constante solidariedade politica, deu causa a que viesse occupar um logar de honra quem para isto carece de todos os titulos. Um laço fraternal, mantido in-

tacto durante largos periodos, desde os clarões da mocidade até as sombras, já funereas, da velhice, suggeriu uma designação, que, pelo motivo reciproco, não podia deixar de ser correspondida.

Que não se veja nestas linhas vestigio de pretenções estultas.

Rio, 29 de Novembro de 1908.

LUIZ LEITÃO.

Da extincta auri-fulgente primavera
Saudades no crescente inverno canta
Quem nada mais espera,
Revendo do passado as aventuras,
E entre o que mais encanta
Floridas graciosas creaturas.

Garça Branca

Vetusta nave minha, "garça branca",
Com tuas niveas azas vae, estanca
As lagrimas do povo, meu patricio;
Leva-lhe o meu saudar, carinho, affecto,
Barquinho mensageiro meu dilecto,
Nas aguas balouçando em mar propicio.

As plumas são as velas, quaes sudarios
Aos ventos estendidos, e sacrarios
— Teu bojo e camarins de amor fraterno;
Vae meu barquinho, vae sulcando os mares,
Os rios e lagôas, dando aos lares
Consolo e risos na secca e no inverno.

Ao povo soffredor de iniquidades,
Tributos extorsivos e maldades
De secca, fome, sêde e desabrigo,
Pagando por palacio exiguo tecto
E a quem se esmaga como um vil insecto,
Dize que soffro a mesma dôr comsigo.

Vetusta "garça branca", barco-arminho
De velas enfunadas, teu caminho
Nas aguas vae abrindo alviçareiro;
Ao norte, ao sul, a oeste leva os cantos,
De amor, saudades, alegrias, prantos
De minh'alma a este povo cavalheiro.

CHUVA DE ESTRELLAS

De estrellas copiosa e fulgurante chuva
No espaço larga estrada abria pelo sul,
No instante em que Lili da mão sacando a luva,
Colhia em rico vaso algumas bagas d'uva,
Fitando o céo azul.

De subito á janella achega-se attrahida
Por essa maravilha ao seu surpreso olhar ;
E qual phalange extensa em rapida descida,
De pyrilampos vê os astros em corrida,
Que o abysmo vae tragar.

Absorta a moça estava ainda, quando ao lado
Se lhe depara um moço, adorador feliz,
"Bellissimo"! elle exclama, "o bando congregado
De estrellas como tu, volvendo do increado
Seraphicas Lilis"!

"Ai! ai! — ella suspira, excelsa phantazia!
Podesse eu ser estrella e á mais brilhante igual"!
De moças vasto grupo a sala então enchia,
De estrellas nova chuva, em que Lili fulgia,
Não tendo alli rival !

A BANHISTA

Abria o sol brilhante as rubidas cortinas,
Que o velavam no leito — o espaço, a immensidade,
E ao universo, ao mar, ás aguas crystalinas
Lançava penetrante o olhar de magestade.

Inda a terra sorria ás auras matutinas
Quando a desperta a luz da excelsa potestade,
E tudo se alevanta ao rutilar, que invade
Reinos, cavernas, antro e camaras divinas.

Com aljofrada coma esparsa pelos hombros,
Esplendida figura, em francos desassombros,
Das ondas surge então na limpidez d'areia.

Do amor e da belleza a deosa ahi contemplo;
E quando imaginava a praia um aureo templo,
De novo ao mar se atira, á flux da maré cheia.

O Christianismo

Na terra appareceu ha quasi dous mil annos
Aquelle grande Christo, o Christo bom, divino,
Da humanidade abrindo ao bem, novos arcanos.

Qual novo sol que aquece e crêa, e o mundo, a pino,
Com sua luz brilhante, inoffensiva innunda,
Trazendo a lei de amor e só de amor o ensino.

O fraternal amor, que em mutuo bem redunda
E a caridade, franca abriga aos infelizes,
Elle ensinou cõ o verbo e a pratica fecunda.

Tão bella, perfumosa e pura como os lizes,
Ardente a fé christã, lutando se propaga,
Victoriosa sempre em todas essas crizes.

Transpõe os tempos seus, heroicos, quando a vaga
Da fé nos corações crescia impetuosa
E mais perseguidor o paganismo esmaga.

Geral triumpho, emfim, corôa a valorosa,
Consoladora idéa, a do homem Deus prégada,
Que o povo universal e já convicto, esposa.

Por seus martyres mais e mais prestigiada,
Seguia de Jesus correcta os sãos preceitos
Com que era pouco a pouco a terra libertada.

Da grande lei christã mirificos effeitos
A humanidade frue e a Igreja se engrandece,
Consciencias dominando e afervorando os peitos.

Mas sobre esse apogêo a crença que enaltece,
Seculos tem corrido a larga trajectoria
Sem que de todo a terra humana se fizesse.

Dariam os christãos a Christo inteira gloria,
Se sua lei de amor bem d'alma praticassem,
Por base e condição na vida transitoria.

Se pelo amor do bem geral só laborassem,
Como um systema certo, universal, preciso,
Em que da humanidade o amor só revelassem.

Já convertida estava a terra em paraizo,
Supremo bem estar da nobre especie humana
E do Divino Mestre o grandioso viso,

Alvo de viva luz, que em sua luta insana
De orgulho e de ambições, elles christãos perderam,
Em meio de oppressões e iniquidade ufana.

Canto hoje, como outr'ora, os que tão mal viveram;
Quaes outros pariaes, banidos da communa,
Vivem o pobre, o humilde, o fraco e desesperam.

Como o revolto ondear de perfida laguna,
Saltêa a prepotencia, a guerra, o assassinato,
Nem é sagrada a vida em divinal fortuna.

Governo das nações esquecem seu mandato,
O povo abandonando ás fauces da miseria,
Na alfombra da abundancia, ao brilho do apparato.

Do christianismo a luz universal, siderea
Intensamente viva, os homens illumine
E o fraternal amor inflamme n'aura etherea.

Sómente a caridade os corações domine
E o direito e a justiça imperem sobre os povos
E todo o ideal christão se realize *in fine*:

Ter-se-hia o paraizo entre horizontes novos.

Eu hei de ser ditoso

Eu hei de ser ditoso, a reflorir-me a vida,
Intensa e jubilosa em plena claridade;
Se tu quizeres, santa, ao meu amor rendida,
Amar-me com verdade.

Eu hei de ser ditoso, haurindo os teus carinhos,
Porvir que vislumbrei em arduo cogitar;
Se os cantos meus de amor, embora os desalinhos,
Quizeres escutar.

Quando appareces rindo, alegre, essa alegria
Infiltra-se em minh'alma, espanca-me a tristura;
Eu hei de ser ditoso envolto na magia
Do amor que em ti fulgura.

Eu hei de ser ditoso, o mais feliz dos reis,
Com aureo throno e sceptro e amplissimos dominios;
Se amor quizeres dar-me ornado dos laureis
Que guardam teus escrinios.

Como quem jaz na treva e pelo sol suspira
Tambem por ti suspiro, ó astro luminoso!
Se queres, pois amar-me aos sons da minha lyra
Com teu amor, comtigo eu hei de ser ditoso!

PAGAR PROMESSA

Suarenta e rubra, os olhos chammejantes,
Ella subia a ingreme ladeira;
Marchava lentamente, mas faceira,
Galgando a escadaria em dois instantes.

No outeiro alli da Gloria sobre o cume,
Na poetica igrejinha penetrando,
Da santa á imagem prosternou-se orando,
E como um anjo sahe, do sol ao lume,

Sahe como um anjo em tunica e azas brancas,
O natural color as faces toma,
Quaes rosas cheias rescendendo o aroma,
A porta aos pobres dando esmolas francas.

Cumpriu sua promessa á bôa santa
No rico templosinho e então partio...
Nupcial cortejo um dia após se vio
Cõ a noiva divinal que aqui se canta.

AS FLORES

A SENHORITA JULIA CESAR

Eu amo o bando de gentil belleza,
Que aqui, alli, além a terra enfeita;
Do acrysolado amor da natureza,
Mimosa maravilha a mais perfeita.

Fugace encantadora é a existencia,
De cada ser do bando sorridente;
De varia fórma e côr, perfume, essencia,
Que adorna a infancia, a noiva e o lar contente.

Com a linguagem muda, de sybilla,
Amor, prazer, saudade e dôr exprime;
Em nosso olhar o bando se burilla,
Porque é de flores, cada flor sublime.

NO BAILE DE MASCARAS

Pompeava o carnaval pelo Cattete
Effervescendo e coruscando bailes,
E a moda antiga e nobre de Versailles
Primava o dos salões d'um palacete.

Ha esplendidos costumes, phantasias,
Empoadas cabelleiras e tocados,
De todos os convivas mascarados,
O espirito faiscando e pedrarias.

Por uma deusa grega é attrahido
Certo marquez dos tempos medievaes,
O qual por hypotheticos signaes
Vê no disfarce o seu amor querido.

Por bem firmar-se curioso anceia!
Segue-a sempre, e na dança e par constante;
Consegue emfim que a mascara levante
E diz desilludido: é muito feia!...

O ANJO DECAHIDO

Por feitos de bravura, emerito soldado
Heitor se fez na guerra, alçando, desfraldado,
O patrio pavilhão em multiplos combates
Nos campos lá do Sul, bem longe dos penates,
Curso á victoria abrindo á nacional bandeira
Attesta o alto valor da gente brazileira.
Na luta armada um bravo, um forte irreductivel;
Na paz, no lar, modesto e bom inexcedivel.

* * *

Mas a desgraça vem como um cyclone e estala
Sobre Heitor, cuja espoza amada a vida exala
E successivamente após os filhos caros,
Astréas de seu tecto ou luminar de pharos.
Heitor angustiado, a se extinguir a vista,
Ao peso esmagador da sorte assás contrista.
Depois, quando o infortunio ao auge se elevara
O capitão Heitor á Rola se depara.
Rola joven visinha, interessante e bôa,
Vi-o e de o ver soffrendo, a dôr penalisou-a,
E voluntaria vinha amenizar-lhe os dias,
Qual graciosa irmã entregue ás obras pias.

* * *

Saudoso tempo aquelle, ainda não distante,
Em que Rola gentil, tão meiga e scintillante,
Consôlo a Heitor trazia em sua ultriz desdita
Ao flebil coração, que o desespero habita.
Esse indizivel bem como um licôr mirifico,
Um nectar crystalino e tonico especifico,
Heitor, como um sêdento, um ávido sorvia,
Em meio ao grato olôr que d'ella se espargia
E o amavel conversar dulcisono fluindo,
O ledo rosto e as mãos de beijos lhe cobrindo.

* * *

Menos cruel julgando a sorte, afortunado
Elle era junto a Rola ouvindo-a fascinado,
Ella, a cabeça loura, o sorridente affecto,
Elle todo captivo áquelle ser dilecto.
E Heitor a amava emfim na casta singeleza,
E da alma e coração na angelica grandeza;
E o bem que lhe fazia um bom anjo a elegêo,
E certo era o seu anjo emerso lá do céo.
E muito a amava Heitor, porque se condoera
De si, tão infeliz e os olhos lhe accendera
A' luz do seu encanto e da piedade á luz
Jorrando sobre Heitor n'uma torrente á flux.

* * *

Mais tarde, a linda Rola a sitio mais longinquo,
Como inicio, talvez, de algum ideal propinquo,
Seu pouso transferio, após as despedidas,
Promessas de assistir-lhe e lagrimas sentidas;
E, qual fulgente estrella em busca do occidente,
Ella partio sem mais surgir-lhe no oriente.
Nem mais lhe volverão com todos os seus relevos
As horas sem rivaes daquelles seus enlevos,
Quando ella tão galante as tardes lh'os trazia;
E ao seu tão doce influxo a sorte elle esquecia.
Desfez-se o seu idylio o auri-rosado sonho,
O sol a illuminal-o em rosto tão risonho,
Restando-lhe a saudade e seu pungente aperto,
O véo de treva espesso e o frio no deserto.

* * *

Em flóridos vergeis da villa pittoresca,
Onde a aura se respira embalsamada e fresca,
E o ninho seu tecera, emquanto Heitor chorava
A rola, volitando, alegre, perlustrava;
E nos salões tambem em uns festins bailantes,
Corôas conquistando as nymphas triumphantes,
E ali tendo a seus pés adoradores bellos,
Jurando amor e preito Abelardos e Othelos.

A vida deslisava assim engrinaldada
Para a gentil donzella, a rola celebrada;
Mas, um abutre surge em fórma humana e feio
Em todo o apuro seu e falso galanteio
E a requesta e seduz, loquaz na hypocresia,
Melifluo a protestar amôr que só mentia,
Até que a dominando a empolga totalmente,
Como attrahida rola ás fauces da serpente.

* * *

O monstro espesinhara a virginal capella
E as rosas virginaes da juvenil donzella.
Indigno malificio, além de irreparavel,
Quando já ha muito tinha esposa o miseravel;
E aquelle anjo piedoso, a quem por gratidão
Heitor já tanto amava e amou como um Platão,
Deixou-se arrebatar em seu ingenuo enleio,
Do lubrico dominio ao tenebroso seio,
Das azas eis perdida a candida brancura,
E da alma compassiva a celestial doçura.

* * *

E' o anjo decahido uma mulher apenas,
Amante do chacal, que ás rosas e açucenas
A' villa pittoresca, ao maternal regaço
Veio arrancal-a incauta em insidioso laço.
O máo destino seu chorou de dôr transido,
Chorou a estrella extincta esse anjo decahido.

* * *

Saudoso tempo aquelle ainda não distante
Em que Rola gentil, tão meiga e scintilante,
Consôlo a Heitor trazia em sua ultriz destita
Ao flebil coração, que o desespero habita.

A FUGA

Eis a hora, amor, partamos,
Olhos fita em nossa estrella,
A Alba fulgurante, vamos !
Da canôa, amor, vem vel-a.

Remador, remae, remae,
Meu amor commigo vae.

Nossa estrella emquanto desce,
Nós subimos a lagôa
Outra estrella resplandece
Ao meu lado na canôa.

Remador, remae, remae,
Meu amor commigo vae.

Como um rei me sinto altivo
Junto a ti, gentil princeza
De quem sou de amor captivo
De quem és amada alteza.

Remador, remae, remae,
Meu amor commigo vae.

De raiar começa a aurora,
A canôa vae chegar;
Junto ao bosque que se inflora
Consagrei-te um bello altar.

Remador, parae, parae,
Meu amor commigo vae.

TENTAÇÃO

Passaste aqui, domingo, irradiando,
E como Venus a subir, bonita,
Os corações de encanto arrebatando
Em longo véo, enorme pluma e fita.

Teus olhos tem ainda fogo e brilho,
Teus labios são os mesmos dulçorosos,
Teus seios — inda plenos no espartilho
E teus cabellos — negros e lustrosos.

Ver-te bella, ardorosa, electrisante,
Na plastica — soberba, tentadora,
Nas vestes — luxuosa e scintillante
Nossa alma inflamma e torna peccadora.

Em nada decahio-te a mocidade,
O rosto é ainda um jambo colorido,
Mulher que transformaste na verdade
Em velho capro o exotico marido.

Uma scena na vivenda

Em meio do jardim formoso da vivenda,
Lindo caramanchel se eleva como tenda,
Com arte architectado a floreas trepadeiras,
Ridente camarim de fadas bem fagueiras.
Ahi brincavam dentro e fóra, mui vivazes
Em jogo e palestra, uns grupos de rapazes
Com outros em que havia airosas raparigas,
Cahindo aqui um leque, alli — pentes e ligas;
Mas n'um momento, em calma, a reposar sentaram-se.
E, a nova diversão a começar, calaram-se.
Um velho grave entrou representando um magico
E ao lado opposto assoma um joven com ar tragico,
Na scena que entre o chiste e os risos se desdobra,
Quando aterrado grito echôa: olha uma cobra!
Ergueram-se de salto e o tal reptil atacam,
As moças, umas vão correndo, outras estacam,
Deixando as pernas ver, suspensos os vestidos,
Quaes troncos de reaes palmeiras invertidos.

SAGRAÇÃO DA VIDA

NOLI ME TANGERE

Suprema creação da omnipotencia
A vida humana! a força propulsora
Dessa engenhosa machina motora
Intelligente e bella a evoluir!
Como intangivel se proclame a vida!
Sagrada para o mundo, inviolavel,
Sublime, mutuamente veneravel,
Que hediondo sacrilegio é destruir.

Matar seu semelhante por vingança,
Por odio, por cobiça, por nonada,
Ou tredo victimal-o de emboscada,
E' transformar-se em féra um semi-deus!
O' execrando monstro fratricida!
Que só o irreparavel mal pratica,
E para o bem se fecha e petrifica,
Insurrecto social entre os atheus.

Não mates— é dever social e santo;
Não mates! é a lei dos povos cultos;
Não mates! ás creanças, aos adultos,
Urgente é ensinar e repetir;
Amar e trabalhar! é isso a vida!
Convertam-se em amor odio e maldade!
Amar a soffredora humanidade
E' o bem amar, querer e ver florir.

Viver é ainda amar a natureza,
A ordem, a paz, as doces alegrias,
Aos honestos labores e porfias
Realce dando a vida e mais valor;
Presar e respeitar a vida d'outrem,
E' ser christão e a Christo se obedece,
De amor e de piedade resplandece
No rosto o coração feliz de amor.

Oppostamente é quem desama o proximo
E esquece que é sagrada a vida humana
Que é viver um direito que dimana
Do poderoso autor da creação;
Direito que se não posterga impune,
Entrando-se da morte no vestibulo
Com as feições sinistras de um patibulo;
Não mates, oh! não mates nosso irmão!

As tres irmãs

Viestes, deusas-trinas gentilissimas,
Um fulgido reinado aqui das musas
Abrir, entre alegrias sans, profusas,
Ao som de cantos e canções dulcissimas.

De vós partiram o trillar de risos,
A deslumbrar-nos o clarão intenso,
A dar-nos vida o regozijo immenso
E a musica vibrando em seus deslisos.

A solidão d'esta arte se quebrara
N'esta avenida que a escutar vos via;
Mas fôra curta a lyrica estadia
E vosso templo mudo se fechara.

E após brilhante e ephemero reinado,
Daqui vos fostes, graças fascinantes;
Fugistes como pombas inconstantes,
Deixando-me ás saudades jugulado.

A PETALAS DE ROSAS

(AS TRES IRMÃS)

Alisios são decerto os ventos que vos trazem
De novo a dominar, deidades radiosas!
De coração eu quero a petalas de rosas
A todas vos cobrir — das rosas que nos prazem !

Trindade constellada, as frontes expansivas,
Que na amplidão cerulea esplende, e mais de perto
Consola-me a saudade ou deixa-me o deserto
Quando d'aqui se ausenta em nuvens fugitivas.

Mais pittoresca eu vejo agora esta paysagem,
As flores cheiram mais, bailando em seus cochichos,
E luta o tempo por conter-se em seus caprichos,
Luzindo mais dês que volvestes da viagem.

As rosas que vos dou são pobres, desfolhadas,
Com ellas felicito a celica Trindade!
Que vos proteja Deus, supplico á puridade
E graça vos conceda — irmãs de mim presadas.

Em uma festa natalicia

Primaveril, florido, em luminosas pompas
Da eterna juventude o tempo hoje exultava;
E parecia ouvir-se ao longe o som das trompas
De ethereo festival, que as almas animava

Havia um palpitar em rythmos de verso;
Em trinos de andorinha — estalidos de beijos;
Te-Déum da creação no templo do universo,
E uns cantos em surdina e uns tremulos harpejos.

Todo esse intenso brilho e jubilo abundante,
De manso a transbordar na terra e nas alturas,
Se unem aos desta noite excelsa, deslumbrante,
De estrellas lá no azul e aqui fulgindo puras.

O que se vio no dia e o que nest'hora encanta
E' o preito e a saudação accorde, enthusiasta
A' angelica belleza e ao coração de santa
De quem o meigo olhar as multidões arrasta.

O BEIJO QUE ME DESTE

E' doce e perfumado,
Qual puro mel de abelhas,
O beijo que me déste;
Nem has imaginado
Que aos anjos te assemelhas
Cõ o bem que me fizeste.

E qual divino orvalho
Na planta ao sol, crestada,
Batida ao vento léste,
Conforto, cirio e pallio
D'esta alma torturada,
E' o beijo que me deste.

Lutando, creio e espero,
Coberto da armadura
Que o beijo teu me veste;
Bemdigo o bem, sincero,
A virginal doçura
Do beijo que me deste.

A LUTA NA FLORESTA

Nascia além no serro, crystalina,
Saltando espumarenta por lagedos,
A agua que a longo curso se destina,
Formando em baixo um lago entre penedos.

Dahi partia o arroio em valle estreito,
Depois pela planicie entre a floresta,
N'um rio caudaloso em vasto leito
Em cujas margens a anta dorme a sesta.

A esquerda, em dia rutilo, formoso,
Ao murmur da corrente, no barranco,
Em meio d'esse quadro magestoso,
Dava um jaguar o derradeiro arranco.

De pé ao lado do felino exangue,
Victorioso um indio o contemplava;
Nas mãos a faca gottejando sangue
E a forquilha que os dentes lhe annullava.

A verde negra e poetica paysagem,
Adornada de floridos pendões,
Destaca a luta, a intrepida coragem
Do incola com a fera nos sertões.

OS SANHASSÚS

Alados, valorosos excursores
Em digressões por montes e planicies!
Cantam dos céos e terra os esplendores
Tão ledos como as nossas Euridices!

Seus cantos, como os hymnos de guerreiros,
Resoam calorosos, triumphaes;
São quaes enthusiastas, mensageiros
Jubilosos das pompas estivaes.

Nesse alto tom festivo vem saudando
O dia, os arvoredos e palmares;
Lindas manhãs e tardes rebrilhando,
Tambem celebram a revoar nos ares.

São curtos, incisivos esses cantos,
Como uns rapidos toques de clarins,
Como as magnolias entre os amarantos,
Na orchestra d'aves são os paladins.

Feliz quem os ouvir, triste ou contente,
Nos bosques e jardins floreos, garridos,
Erguendo ao creador omnipotente
Os salves pelo espaço diffundidos.

A viuva Ignez

Alegre e rubicunda, Ignez, formosa dama,
O astro irradiante, illuminando o lar,
Pallida e triste agora, a soluçar, reclama
O esposo, que lhe veio a morte arrebatar.

Na dôr, da viuvez tão moça se debate !
Tem na alma o desespero a lamentar plangente!
Como a rosa, que um verme incidioso abate,
Ou como, em nuvem negra, estrella refulgente,

Do esposo, debruçada em pranto á supultura,
A desolada Ignez, inconsolavel, fria,
Da conjugal saudade, estatua se affigura,
Até que o pae levou-a onde outro ar corria.

Viuva ha meio anno e já casada torna
Formosa e rubicunda Ignez a novo lar!
Festiva como a aurora, a luz seu rosto exorna,
De braço ao novo amor, que a fez tudo olvidar.

COITADO

Olhaste para o vate enternecida,
Com esse caridoso olhar de santa,
E com a voz que eternamente canta
Coitado! proferiste, condoida.

Coitado, sim ! bemdicto o teu coitado,
Hidromel que consola os infelizes,
Calmando docemente as cicatrizes
Do lutador de outr'ora, malogrado.

Mas hoje apenas é um pobre invalido,
Na treva vacilando tristemente;
Nem mais do sol contempla o brilho ardente,
Nem o luar no céo, fulgente e pallido.

E nada mais de ti ! nem os lampejos
Do compassivo olhar illuminado!
Nem a bocca gentil que diz — coitado,
Com graça e com sabor de doces beijos.

O NAVIO AMIZADE

Á MEMORIA DE SEU COMMANDANTE JOÃO DAMASCENO DE ARAUJO

Durante o dia e a noite ininterrupta,
Bramio impetuosa tempestade;
Aos vagalhões, o mar, rugindo, invade
O caes e a praia em pavorosa luta.

Porém, já menos lurido nascera,
Sem estampidos nem cachões de chuva,
O dia immediato, qual viuva,
Que de seu lucto as vestes aligeira.

No porto, o mar ainda encapellado,
A ausencia se notara de um veleiro,
Esbelto como um cysne viageiro,
Do norte ao sul brazilio destinado.

Na costa, ao fundo d'agua e barra-fóra,
Com afan procurava-se o navio;
Quando do sol clarêa um raio frio
Minuscula vela ao longe animadora

E' o *Amizade!* é elle! o grão veleiro
Que arriba ao porto após fazer-se ao largo,
Evitando o naufragio, o transe amargo
O commandante, audace marinheiro.

A ULTIMA CIGARRA

Perfumes e frescura o outomno offerecendo,
O alto calor varria ás noites abafadas;
Brumas velavam já as roseas madrugadas,
Que em limpidas manhãs o sol vem convertendo.

Já não se ouviam mais aquellas alvoradas,
Com que as cigarras vão o estio enaltecendo,
As arvores e o espaço alacres percorrendo
Até finar-se o dia em nuvens purpuradas.

Notavam-se, porém os cantos matinaes
De nova passarada, a gorgear bizarra,
Embora só gorgeie cantatas desiguaes.

Estava dito o adeus ao tempo da cigarra,
Quando uma ainda surgio extemporanea, a mais,
Numa manhã, tangendo a singular guitarra.

A CASINHA DA COLLINA

Eis um primor que prende e encanta a vista
Do gosto e da arte esplendida conquista,
Entre arvores e flores de um jardim !
Que bem revella a mão de eximio artista,
N'um brinco de marfim.

Poetica mansão dos mais felizes,
Pequeno templo erguido ao casto amor!
Que se dilata em braços e raizes,
Ao ar livre e balsamico dos lyzes,
Ampla luz e calor.

Mimo adoravel em corynthio estylo
Em verde e roseo marmor do Brazil !
Formoso e sorridente peristylo,
A cujos pés, em miniatura um Nilo
Murmura-lhe subtil.

Minusc'lo e deslumbrante paraiso,
Morada d'anjos que o illuminam mais!
Primores com que tanto fraterniso,
Onde ha belleza, encanto, brilho e riso,
Como não vi jámais!

No dorso da collina eis a casinha
O templo o peristylo, o dôce lar!
E quando diz-lhe o monte altivo — és minha!
De prompto ella contesta — eu sou rainha,
Em ti a cavalgar!

A' MEMORIA DE LULU'

Contemplo-a no retrato e vendo-a ainda sinto
A força fascinante em seu vellado olhar;
Recordo o nosso amor, o bem ha muito extincto,
A nossa mocidade, em que era a vida amor.

Meteóro da existencia esse passado, longe,
Bem longe vae de mim, restando inda a saudade;
Porque hoje apenas, como um velho e triste monge,
Semelho, n'um deserto, escombros de cidade.

Eu fui então feliz de haver-lhe merecido
O coração amante em plena exuberancia,
O seu ousado amor, tambem entretecido
De lagrimas e medo, em ardorosa estancia.

Recordação bem grata, a desse amor de outr'ora,
Tão grande e generoso e de mulher tão bella;
Se desde longo tempo, em paz, no empyreo mora,
Parece amar-me sempre, olhando-me da tela.

Apotheose de Gonçalves Dias

No fundo mar, nereidas reunidas
Em torno a immerso banco de coraes,
Vestiam longas tunicas tecidas
De escama e prata e perlas esparzidas,
Subtis, originaes.

E, celeres, partiram para a gruta,
Qual ermida de gothico feitio,
D'alli, pouco distante onde se escuta
Das vagas o rumor, na eterna luta,
No inverno e no estio.

Do templo sahem, em braços conduzindo
O corpo inanime de um varão illustre,
Que por naufragio ao pelago caindo
Colheram carinhosas, repetindo
Que a patria dera lustre.

A marcha era solemne, a passo lento;
Traz na fronte o varão c'roa de louro,
Fulgura o estro e revoa o pensamento;
Era o Deus da poesia e do talento
Com sua lyra d'ouro.

De luz descia um vasto plano — esphera,
Que através d'agua o prestito guiava;
No seio das nereidas só impera
O amor enthusiasta, que venera
Quem tanto o amor cantava.

Emfim penetram nova gruta enorme,
Pantheon maravilhoso sob o mar !
No salão sobre um throno polyforme,
Sentaram seu cantor na rariforme
Cadeira de espaldar.

Rutilam sóes e estrellas cambiantes,
Aos sons de encantadoras harmonias!
Do "Hymno ao mar" recitações brilhantes;
São finaes apotheoses deificantes,
O Ave a Gonçalves Dias!

MÃOS DE CRIANÇA

A' SENHORITA ALICE AVILA

Que mãos mimosas, lindas, pequeninas,
De cherubim, de santa ou nova Esther;
Modelo de esculptura, mãos divinas,
Mãos de criança em corpo de mulher!

Adoro-as como ás ternas cantilenas,
Ao genio, ao bello, que em nossa alma impera;
Tocai de leve ás brancas açucenas,
Que o amor com suas settas vos lacera.

Mãos seductoras que encantado adoro!
E que dentro das minhas em repouso
Ainda mais eu dellas me enamoro,
Colhidas como um jambo perfumoso.

De uns pés tambem minusc'los, recatados,
São nuncias, qual da rosa o grato olor;
Vêm-nas meus olhos, sempre a luz fechados,
E beijo-as com prazer consolador.

De luvas de pellica revestidas,
Mais se estreitam as candidas mãosinhas,
E mais galantes ficam, mais garridas,
Que as azas de gentis borboletinhas.

Quanto carinho têm e quanta graça!
Feitura ideal do céo dada ao mister
Que alenta os victimados da desgraça:
Mãos de criança em corpo de mulher!

O TALENTO

Le souffle inspirateur que fait de l'âme humaine
Un instrument melodieux
Dédaigne du palais la pompe souveraine :
Que sont la pourpre et l'or à qui descend à peine
Des palais rayonants des cieux ?

LAMARTINE.

E' elle o irmão do genio, a força creadora,
O fogo divinal que accende da memoria
A lampada fulgente e nutre a inspiradora
Essencia do ideal, que faz viver de gloria.

No craneo em que se incarna, auréola resplendente
A fronte lhe illumina e vibra o enthusiasmo
No scintillante olhar, no gesto e voz potente,
No verbo que electrisa a multidão em pasmo.

Com amplas azas d'aguia ou de condor se eleva
Aos mundos sideraes, ou desce ao mais sombrio;
Ou elle é Galilêo que as tradições subleva,
Ou Mirabeau ao rei mandando o desafio.

Se se concentra, vêde um semideus no Olympo;
E' Franklin ou Colombo, é Phidias ou Spinosa;
Se lhe abre o coração um céo de nuvens limpo
E' Dias ou Petrarcha — a lyra harmoniosa.

Sciencia, lettras e arte — eis do povo as riquezas
Que o talento accumula ás mãos de Goethe e Dante,
Fulton e Raphael... monumentaes grandezas,
Obras da industria humana em marcha triumphante.

E' o aroma na flor; n'um astro a fórma espherica,
A trajectoria, o brilho, o azul no firmamento,
Da natureza a pompa e resplendor n'America
E nos homens o engenho, o prompto entendimento.

Unção do ser supremo! A dignidade e a honra
Lhe servem de armadura, augmentam-lhe o prestigio;
Mas se esquece a moral — naufraga e se deshonra,
Ou cinja o diadema ou traga o bonnet phrygio.

Patria quer cidadãos, povo quer liberdade;
Pede a manhã aurora, o cantor alaude;
E' — ao espaço um limite, eclypse á claridade
Haver Deus sem fiéis — talento sem virtude.

RISADAS

E' grato ouvir olympicas risadas,
Sonoras, argentinas, musicaes,
Como uns alegros vivos de crystaes,
Ou cantos de victorias celebradas.

Ha nesse gargalhar notas finaes,
Uns trepidos harpejos de alvoradas,
Nas almas percutindo emocionadas
E se extinguindo em effusivos ais.

Conhece-se no rir a juventude
De espirito sem nuvens, expansivo,
Que limpido resôa em plenitude.

E se imagina mais, superlativo
Da plastica belleza e de saude,
O riso femenil tão expressivo.

CANÇÃO DA NOIVA

Não tardes mais, meu noivo,
Como a aguia vem, voando;
Saudosa, ha muito, espero,
Temendo, suspirando.

Não tardes mais, meu noivo,
Como a aguia, vem, voando.

Jamais se passa um dia
Que não te colha flores,
Mais bellas e brilhantes
Que seus rivaes albores.

Jamais se passa um dia
Que não te colhas flores.

Recendem seus perfumes
E esperam-te commigo,
Por fim, cançadas, murcham
Sem terem teu abrigo

Recendem seus perfumes
E esperam-te commigo.

Qual em seu ninho a rola
Almeja o sol que tarda,
Eis meu amor que cresce
E mais vivaz te aguarda.

Qual em seu ninho a rola
Almeja o sol que tarda.

CANÇÃO DO NOIVO

Formosa noiva minha,
Por meu amor eleita,
A ti minha alma affeita,
Bem longe, aqui, sosinha,
Com mais fervor se estreita.

Em lá volver não tardo,
Tomar-te aos braços meus,
Beijar os olhos teus,
A cuja luz o bardo
Mais canta e adora a Deus.

Não tardo, amor, espera,
Tambem por ti suspiro
No alpestrico retiro,
Onde eu, na primavera,
Em cada flôr te miro.

Com teu cantar que sôa,
E flores do jardim,
Espera, amor por mim:
Terás de noiva a c'rôa
E véo de seraphim.

A REVOLUÇÃO DE CUBA

I

— Que vemos! — Grandioso e commovente drama,
Que o assombro e admiração universal reclama,
E este ruidoso fim de seculo memora!
— Que vemos! — pela vez terceira ser senhora,
De seus destinos quer a grande Antilha — a Cuba,
Que como leão se ergue e sacudindo a juba,
Despedaça os grilhões que a retinham submissa,
Empunha a flamejante espada da justiça,
E livre, independente, em sonorosos brados,
Aos povos se proclama aos reis e seus soldados,
Vassallos, cortezãos da Hespanha que toureia
Cujo oppressor dominio assás repelle e odeia.
Como a todo o senhor detesta sempre o escravo,
Tenta aquelle esmagal-o ao ver que, altivo e bravo,
Se subleva o opprimido aos impulsos magneticos
Da voz da liberdade em seus clarins freneticos.
Assim Castella irada a Cuba impõe castigo
De novo vindo oppôr-lhe o ferreo jugo antigo.

II

Está travada a luta, em campo o grande pleito...
Cuba a revolução sagrada do direito
A esquerda trovejando, ardente, impetuosa,
E a seu lado a justiça, attenta, magestosa!
A Hespanha, eil-a a direita, armado até a boca,
Apopletica e rubra, em convulsões de louca,
Inspira-lhe a infernal figura de satan.
Resoluções crueis e teimosia van;
O egoismo obsecado, atroz e que só visa,
O sangue, a morte e a fome, em que se concretisa.
Horrores da miseria e miseria de horrores
Congestionam o ar de malignos vapores.

III

Está travada a luta, accesa mais e mais!
A Hespanha, multidão de exercitos reaes,
Alluvião compacta, uma avalanche enorme,
Que rapida desaba, e á massa inerte e informe,
Anceia reduzir o contendor cubano,
A que já confiscara, em seu reinar tyranno,
A liberdade e os bens e a quem de mais quizera,
Sempre attrelado ver domado como féra,
Da nedia realeza ao carro triumphal,
Guerra implacavel, pois, á presa occidental.

IV

Mas a preza, a formosa Antilha revoltada,
Pequena legião da independencia, armada
Do civico ideial que as almas electriza,
Defende-se, resiste, investe e immobiliza
Com heroico valor, indomita, terrivel,
Todo o hespanhol poder nesse duello incrivel
Ahi o mais potente em prelios aguerrido
Como Golias, cahe por um David ferido,
Perde terreno a palmo, o todo emfim lhe escapa,
E é republica então no americano mappa.

V

Contemplem na peleja o insular valente,
Seu bello rosto em chamma o olhar brilhante e quente,
A voz vibrante e firme, audaz e largo o gesto,
Animo varonil em corpo esbelto e lesto,
Os seios quasi nús, tremendo suarentos,
Luzindo o collo e a fronte e a coma esparsa aos ventos,
Na dextra brande o gladio e na sinistra o facho,
E entre sombras, clarões e fumo que em penacho
Do incendio ás nuvens sóbe, e sangue, pó, fragores
De tão renhida pugna as proporções e côres
Phantasticas do mytho a heroina assume,
Como martyr vestal, da liberdade ao lume
Encarna-se em Macêo, em Gomes e Garcia
E leva de vencida a torva tyrannia.

VI

Bravos, titães de Cuba eu vos saudo!
Nem póde o coração quedar-se mudo,
Em face do explendor desta epopéa
De lutas inauditas;
Artifices da empreza gigantéa,
Factores do guerreiro plano ingente,
Não tereis por epilogo sómente
Tyrannicas vendictas.

VII

A gemma das Antilhas fulgurante,
Que torna de Castella deslumbrante
A c'rôa realenga se desliga
De engaste detentor;
E emquanto a liberdade á paz se abriga,
Na Iberia onde o throno se esborôa
Será o barrete phrygio em vez da c'rôa
Do povo o redemptor.

VIII

Avança para as hostes valorosas
Da revolução santa do direito
A aurora triumphal o justo preito,
A's lides collossaes;
Aos bravos patriotas legionarios,
Titães republicanos legendarios,
Envio as saudações mais calorosas
E votos fraternaes.

IX

E jubiloso o mundo, em salvas prolongadas
Applaudirá de pé a independente Cuba,
A eleita da victoria em guerras esforçadas
E os braços lhe abrirá então aos sons da tuba.

VISÃO DE JOSÉ RAMOS

Ha annos que deixaste o valle de torturas,
Galé da humanidade;
E vens agora a mim de incognitas alturas
Do reino — eternidade.

Sonhando quando durmo ao lado meu te vejo,
Tal como em vida tua;
A' plena luz do sol, de estrellas ao cortejo
E ao declinar da lua.

Que explica no presente e que traduz ao certo
A tua apparição ?
Vens ver-me quando soffro e a golpes sangra aberto
O velho coração.

Eu bem quizera que de alguma fausta nova
Tu fosses mensageiro;
D'um raio de esperança, o termo á rude prova
Do exangue viajeiro.

Prosegue, ó meu amigo, a visitar-me em sonho,
O meu dormir matiza;
Por tua imaginaria imagem mais risonho
O somno meu desliza.

LAGRIMAS DE MÃE

Expansiva me acolheste, ó mãe afflicta,
Lagrimas sentidas a innundar teus olhos;
Olhos puros, em que li, no brilho escripta,
A saudade, em traços vivos, sem refolhos.

Tu choravas como a noiva fervorosa
Repellida, espezinhada em seu amor;
Como a virgem santa, mater dolorosa,
Avergada junto a cruz do Redemptor.

Como é bom chorar e como são bemdictas
Lagrimas que vem de consternados seios!
Valvulas da dôr do sentimento ás criptas
Sobem, se filtrando ao rebentar dos veios.

E sentindo-nos melhor de haver chorado,
A desgraça menos rude nos parece,
Quando foi bem fundo o golpe em nós vibrado
E a ferida no momento se entumece.

Tu choravas e de ver-te lacrimosa,
Partilhei de tua dôr, tambem chorei,
De soffrer e de chorar tambem se gosa,
Se, de quem soffrer, do amor se está na lei.

Tambem chora a natureza, convertidos
N'atmosphera que condensa seus pezares
Em uns prantos clamorosos, repetidos,
E de lagrimas enchendo terra e mares.

Tuas lagrimas em perolas brilhantes
Transformadas vi nas mãos d'um cherubim;
Que entornando-as sobre rosas odorantes,
Te dizia: mãe, não chores mais por mim.

Coral celeste

A DISTINCTA PROFESSORA D. LUIZA GUIDO

Musica divinal e de encanto commovente
Tanger ao orgão vio-se um monge venerando;
De sons iam no templo harmoniosa enchente
E os écos pela nave e abobadas passando.

Do mystico organista o rosto se animava;
O olhar contemplativo, extasiado e calmo,
Fixando-se no alto, um santo recordava,
Que a Deus a prece envia em sonoroso psalmo.

Agiam com firmeza as mãos sobre o teclado
E quando mais plangente o canto ao céo se erguia,
Translucido baixava, em nevoas constellado,
Um grupo d'anjos bello, em côro a symphonia.

O ar tornou-se então balsamico de lyrios,
Reflecte o pavimento a luz do grupo angelico,
Que em torno ao monge canta, e paira como cirios
Ou brancas pombas lá do reino ethéreo e celico.

Dulcissima reboava essa córal myrifica,
Quando cingio do mestre a veneravel fronte
Diaphano clarão, aureola beatifica,
Fluida pela mão d'um anjo — a nivea fonte.

E logo após, por dous archanjos ladeado,
Da santa eucharistia o calice se offerece,
Suspenso e radioso, ao frade illuminado
Com a hostia consagrada, alvissima que desce.

Só o folleiro vio estupefacto o quadro
De excelsa maravilha, ungido de perfume;
E sahe, a contemplar, do monumento ao adro,
O sol, que purpurêa o poente, todo em lume.

INUTILMENTE

Com ciume e zelos
Vi dous colibris,
Trepidos, gentis,
Voando em teus cabellos.

Lepidos gazis,
Quanta graça em vêl-os!
Eu tentei prendel-os
Com uns véos subtis.

Cada qual mais lindo,
Beija-te fremente,
Célere fugindo.

Eu tambem tremente
Quiz beijar-te, rindo,
Mas, inutilmente.

O seculo vinte

(A JOSÉ RODRIGUES BARBOSA)

E' qual formosa dama em manto, friorenta,
Do baile regressando em fuga do aguaceiro;
A lua se embuçando em nuvens, somnolenta,
Que a Oeste se occultava atraz de um negro outeiro.

Até ao meio, a noite, em um transbordamento
De resplendor lunar, na sombra se immergia;
Surgindo, constellado o azul do firmamento
Com o cruzeiro-sul, o scintillante guia.

O éco dos canhões ouvio-se de repente;
Salvava-se no mar e fogos de artificio
Enchiam todo o espaço, alvorotando a gente,
Com musicas e danças em um febril bulicio.

E' todo graça e festa o aspecto da cidade;
Abriram-se os salões, ha salves repetidos;
Os sinos, repicando, a sua alacridade
Se allia ao regosijo em todos os sentidos.

De par em par, abrio seus templos Melpoméne,
E de holophote á luz da esquadra se celebra
Na praça, á beira-mar, missa campal solemne,
Que exalça a humanidade em seu lutar sem quebra.

Anima o povo a crença e uma esperança o move
E ás suas expansões imprime algum requinte;
E' que passou no tempo o sec'lo dezenove
E entrava triumphante em festa o sec'lo vinte.

O CANTO DA JARDINEIRA

Regando dedicada, um dia, as flores,
Que enchiam colorindo o meu jardim,
Eu vi entre o gradil uns bellos olhos
Rasgados, muito attentos para mim.

Ouvi tambem a voz sonora e terna
De quem sorrindo olhava para mim:
Pedia-me uma rosa, a mais brilhante,
A mais soberba rosa do jardim.

Silente, eu fui colher de prompto a rosa,
A mais brilhante e rica do jardim;
E dei-lh'a no gradil, confusa e tremula,
Seus olhos dardejando sobre mim.

Um obrigado sôa mavioso,
Com estas doces phrases para mim:
— Vós sois a rosa mais brilhante e rica,
— A deusa captivante do jardim.

E rapido partio o moço esbelto!
Nem rosas mais buscou em meu jardim,
Nem mais lhe ouvi a voz tão sonorosa,
Nem vi seus olhos fitos para mim.

DORMINDO

Estamos em septembro, em plena primavera,
Esplendida manhã sorria a quem soubera
Deixar bem cedo o ninho e contemplar a aurora;
Mas, ao calor do leito, eu a sonhar dormia,
Sonhava uma regata em aguas da Turquia,
Cuja lembrança viva ainda me enamora.

Foi uma fantasia oriental a festa,
Que em luxo, fausto e gosto a origem manifesta,
Habdul Hamid á frente e todo o seu harem,
Eunucos e vizirs, Pachás e a grande côrte;
O povo em multidão, e a militar cohorte,
Constantinopla toda, emfim, que assistir vêm.

Tudo corria á luz do plenilunio algente
E de ampla luminaria, electrica, nitente,
Que a noite transformava em fulgurante dia;
Esplodem derepente applausos estrondosos,
A' travessia de um dos pareos graciosos
Que rapida deslisa e alveja a primazia.

Esguio como agulha e branco como neve,
Cada barquinho um brinco e como um sylpho — leve,
A globos multicôr é todo illuminado;
Dirige-o mui garbosa ao leme uma odalisca
E outra segura á prôa em bella seda prisca
As guias d'alvo par de cysnes atrellado.

Porém, é negro como onyx o par segundo,
De aquaticos, formoso, a vozear jucundo,
E a sirga conduzindo o barco dois do pareo;
Do lago a face lisa aos tremulos reflexos
Das luzes a cingil-o, em fraternaes amplexos,
Ostenta ao nosso olhar fantastico scenario.

Na liça representa angelicas imagens
A meiga formosura ornada de roupagens
Gazis e originaes das jovens gondoleiras;
O imperial palanque, arcos corêtos, ilhas,
Bosques, jardins, trophéos, são ricas maravilhas,
Mais ricas sendo ainda aquellas timoneiras.

Febril acclamação unisona, compacta,
Levanta o povo á bella, excepcional regata,
Hymnos no ar vibrando e marchas triumphaes;
Fôra o batel segundo o vencedor na justa,
E ás odaliscas como aos cysnes seus se ajusta
O premio ganho ao som de bandas marciaes.

Já outro lindo pareo avança resoluto,
Quando uns longinquos sons, harmonicos, escuto
De musica que enleva, approxima-se, avulta,
Desperta-me ao passar cantando mais sonóra,
Aqui termina o sonho, a festa se evapora
E a matinal orchestra além se some exhulta.

AS DUAS AMIGAS

(A UBALDINO DO AMARAL)

(*Em Copacabana*)

Vastissimo lençol de nitidas areias
A' beiramar se estende, e com bravio impulso
O mar sobre elle agita a rebramir convulso
O véo de espumas niveo, amado das sereias.

Soberba, imperiosa a oceanica planura
D'alli se ampleia a vista á cinta do horizonte,
Undosa, verde negra e qual um mastodonte,
Collosso planetario arqueja de bravura.

A lampada solar, que as brumas mal rompia,
Com luz amortecida as serras e montanhas,
Começa illuminando, e em coleras tamanhas
Pelo apogêo da lua, o oceano se estorcia.

Gosava-se o frescor da brisa da manhã,
Que á noite trovejada e fria succedera,
E resta por vestigio a negrejante esteira
De nuvens e de mar, vedando-a ser louçã.

Na praia, em bello sitio aos banhos adaptado,
De pé, contempla attento a furia da resaca
Um só espectador, além de uma barraca,
Da qual lançar-se ao banho alguem pretende ousado.

Mais alguns mirões chegavam
No momento em que, catitas,
Da barraca para o banho
Seguem duas senhoritas,
De mãos dadas, garrulando
Com costumes elegantes;
Uma de olhos gazos, calmos,
Outra — negros, scintilantes.

Com o olhar as ondas medem,
Sobre um comoro mais alto,
Sem temor dos seus rugidos,
Nellas se arrojam de um salto;
Quaes duas bellas tainhas
Das que á flord'agua, em cardume,
Passam em tempo escursando,
Formando extenso negrume.

De nadar nos exercicios,
Eram bellas concurrentes,
Desassombradas, peritas,
Peitos robustos, valentes;
Depois de longe attingirem,
Vem batendo em retirada,
Vencendo a forte corrente
Que torna a marcha esforçada.

Approximam-se da praia,
Onde as ondas se encapellam,
Mas ahi enfraquecidas,
Exhaustas bem se revelam;
Si repousam fluctuando,
A maré logo as afasta,
Recomeçando a jornada
Mais a energia se gasta.

Uma d'ellas, mais á frente,
Aflictissima braceja,
Em vaga enorme envolvida
Se submerge na peleja;
Os curiosos tranzidos
De funda emoção e dôr,
Quem salva? exclamam, quem salva?
Hirto este, aquelle em tremor.

O condolente brado mal se ouvia
Quando um mancebo intrepido investia
As ondas, n'um só lance inopinado;
Lutou, venceu, firmando uma conquista;
Subtrae á morte o corpo da banhista
E arriba, como heróe, victoriado.

Já salva e sã na praia, eis a alma inteira
E os negros olhos seus na companheira
No pélago, já presa de agonia;
Rapido ao mar volveu, para salval-a
O joven nadador, como uma bala
Que nas aguas revoltas esfusia.

Um só instante mais, o máo presagio
Que os animos perturba de um naufragio
Será verdade triste e dolorosa;
Na praia não contem-se mais a amiga,
O sentimento o seu valor instiga
E ao mar a precipita corajosa.

Como uma flexa vae, quer ser primeira,
Tomando do mancebo a dianteira
E da almejada méta se approxima;
Mas — oh fatalidade —, oh mau destino!
O vórtice reabriu-se repentino
E ao nobre coração prompto inanima.

Premido entre estes dous terriveis casos,
Elle levanta a joven d'olhos gazos,
Emquanto a d'olhos negros cahe vencida;
Era esta forte e embora fatigada,
Corre em soccorro á companheira amada,
Mas pelas proprias forças é trahida.

Esta é Ruth, já cadaver, não respira,
E a que logrou salvar-se — a loura Elvira,
Ambas estrellas, cuja luz crescia;
Uma cadente, agora no infinito,
A outra saudosa d'esta, o olhar sem fito,
Jámais esquecerá o infausto dia.

PROMESSAS DE AMOR

Tu me encheste de esperança,
Que de amôr minh'alma agita;
No fulgor de teus olhares
De uma expressão infinita,
Indomaveis na pujança
Que domina como os mares;
No carinho e no calor
Das mãos tuas de veludo,
Nos teus labios, riso, em tudo,
Só promessas vi de amor.

Taes promessas me fizeste
Na mudez mais eloquente,
Que diz tudo n'um lampejo,
Como a aurora no oriente
E resôa em tom celeste
Como eoleo e mago harpejo;
No suave e grato olor
Dos cabellos teus e seios,
Nos suspiros, nos enleios,
Só promessas vi de amôr.

Ante o bem assim formado,
Que entre os sonhos meus desliza,
Tua imagem fascinante
Perlustrando se eternisa
Em meu cerebro exaltado;
Mas até o presente instante
Esse bem tão seductor
Não é mais que uma esperança,
Que se nutre da lembrança
De promessas taes de amôr.

A FLOTILHA MARIETA

Como brancas borboletas,
Lá de um bosque azul sahindo,
Vem d'alli no mar surgindo
No horizonte umas palhetas.

Estas veem crescendo e rindo,
São as velas das corvetas,
As jangadas "Marietas",
Sons dos buzios desferindo.

Chega o povo, eis a flotilha,
Que possue da bella filha
Do pescador o aureo nome.

Marietta tem renome,
Da pobreza extingue a fome
Com pescado da esquadrilha.

QUERO VIVER

Em planalto vicejante,
N'um terrestre paraiso,
Sob um céo azul, brilhante,
Já me assalta alegre o riso;
Como é bella esta existencia!
Ninguem ha de aqui gemer;
Nesta esplendida imponencia,
Quero, ó Deus, folgar viver!

A floresta é gigantesca,
Virgem, lurida, aprumada;
Lympha pura, argentea, fresca,
Rúge e salta encachoeirada;
Vêm-se oasis ondulantes,
Que é um doce encanto ver;
N'estes sitios deslumbrantes,
Quero, ó Deus, folgar viver!

Ar embalsamado e puro
A saude revigora;
Farto e placido futuro
Se desenha n'esta flora;
Flores e fructos riquissimos
Em corymbos a pender,
Com perfumes suavissimos,
Quero aqui, meu Deus, viver.

Quando a aurora magestosa
Vem galgando os horisontes,
Seus scenarios d'oiro e rosa,
Mais me enlevam n'estes montes;
Vida, amor, largo suspiro
Vêm-me alegre surprehender;
Neste opulento retiro,
Quero amar, sorrir, viver!

Em vergeis tão adoraveis,
Lindas aves mil affluem
E seus cantos deleitaveis
Vivamente n'alma influem;
São romanças, são idylios
De seus bicos a correr;
Clamo então, cerrando os cilios,
Quero aqui, meu Deus, viver!

A maravilha

Tão simples, tão pequena, tão modesta,
Ao mesmo tempo tão formosa e rica,
De todos attrahindo amôr e festa
Que o gosto de aspiral-a lhe dedica.

E' rica de perfume delicado,
Delicioso como um fructo raro;
Formosa na brancura, no rosado,
No rubro colorido aos olhos caro.

E' esta simples flor, esta bonina
Como a pobre donzella camponeza,
Que só no brilho innato de menina
E só em seus encantos tem riqueza.

Entre insectos e passaros

Alou-se uma manhã a formiguinha ás nuvens,
Pendente d'uma perna á mosca sua amiga;
E admira aquelle quadro a estatica formiga
Que bem quizera até tornar-se um outro Rubens.

E viu elaborar-se a chuva, o raio, o vento,
Relampagos, trovões, descendo radiosa;
Mas fez-se á meia altura a tarde borrascosa,
Que a mosca precipita ao tecto d'um convento.

Ahi morre a formiga; a mosca resistiu
E fraca, enregelada a sua amiga chora;
E a borboleta azul, que sorte tal deplora,
Convida a distrahir-se no parque onde a luz viu.

Alli, revoam, pois, a mosca e a borboleta,
As flores aspirando, ao longo de alamedas;
Mas n'uma dellas viu-se a mosca presa ás sedas
Da aranha, que sugou-a em refeição dilecta.

A borboleta triste e mergulhada em pranto,
Pairando, ao lado seu encontra um collibri
Que diz-lhe: "aqui sou prompto a todo bem por ti"
As azas a vibrar com gentileza e encanto.

Outro jardim corri, alegremente, unido
Ao beija-flor brilhante, o almo — ceruleo insecto;
Um trefego menino, em tal mister provecto,
Alcança a borboleta em um rosal florido.

Leva-a comsigo, o máo, emquanto em desespero
O beija-flor se queixa ao bemtevi valente:
Iremos ao palmar, opina, em nossa frente,
Alli não vae ninguem, pequeno ou grande Néro.

Ao bemtevi cantando o beija-flor seguiu;
Sendo alvo aquelle então de um tiro de espingarda;
Mas na palmeira illeso a ciciar galharda
Cantando *bemtevi* ao caçador fugio.

A' MEMORIA DE PHILÓ

MINHA QUERIDA FILHA

Ora imagino ver-te alegre, em tom sadio,
Quando ostentavas vida exhuberante, bella
Ora acredito ouvir, como um tanger sombrio,
Gemidos teus de dôr, que intenso mal revella.

Pobre martyr que atroz suplicio, padeceste,
Premida nos anneis de perfida serpente;
Rolla innocente e pura em vão te debateste,
Sem mais socorro haver nessa desgraça ingente.

Por vezes exclamaste, afflicta, extenuada:
"Meu Deus não posso mais" e a luta recrescia,
E fostes emfim vencida, em flor, aniquilada,
Quando a alma sorridente em festa se expandia.

A' sombra do cypreste, em alameda extensa
O corpo teu repousa e a essencia ao céo s'eleva,
Mas foste em nuvem clara, eu fico, em nuvem densa
Subiste para a luz, eu choro aqui na treva.

Pois, mais que a escuridão, que ao mundo me intercepta,
Desola-me a saudade infinda, lacerante,
Que tua ausencia impõe com força mal discreta,
Rompendo o pranto meu de então a cada instante.

29 DE NOVEMBRO

A luz universal, irradiante e quente,
O céo, a terra, e toda a creação em festa,
Tudo annuncia rindo e no explendor attenta
O dia excepcional que é hoje á amiga gente.

Celeste criançada, a mais garrula e lesta,
Circula saltitante em luminosa enchente,
A meiga companheira a quem ruidosamente
De prendas accumula e o coração requesta.

Do tempo a louçania, e os cantos da innocencia
Ao seu dilecto par o anniversario indica:
E' esse o festival da flórida existencia.

O angelico e infantil rebanho glorifica
A data de "Honorina", em santa effervescencia,
E vivos parabens minh'alma lhe dedica.

(1901)

CHUVA DE PEROLAS

Revela a seu papá, Nenê Palhares,
Com merencorio aspecto e phrases querulas,
A perda que soffrera de umas perolas,
Mostrando-as na sacada a prima Clares.

Guardava-as rico escrinio em suas cellulas,
Em collecção — pulseiras e collares,
E soltas — grande copia de exemplares
E varios diches — maracás e ferulas.

Nenê segura aberto o seu thesouro,
Admira a outra nelle os globosinhos,
Mas sobre ellas vem rapido besouro.

Assustam-se nervosas, em gritinhos,
O cofre vôa e cae como um pelouro
E as perolas em chuva nos caminhos.

CAVALLARIA AEREA

Formados em columnas, a manobrar no espaço,
Destacam-se esquadrões, a modo de lanceiros,
Sem lanças nem couraça ou arma alguma d'aço,
Começam de avançar aereos cavalleiros.

Em rapido crescendo, a marcha se accelera,
Com impeto, veloz, terrivel como o raio;
E qual cerbero uivando em furias de panthera,
Assolam terra e mar, agindo sem desmaio.

E segue, e assim percorre a numerosa força
— Cavallaria aerea — extensa região;
A todos apavora e o medo mais reforça
Se ao seu furor juntar-se a chuva e o trovão.

A desfilada vae passando e ao termo chega
E cessa ao todo, emfim, com suas tropelias;
Mas resta o seu destroço, attestador da céga
Violencia, que exerceu em horas bem sombrias.

Cavalleiros e ginetes
Impalpaveis, invisiveis,
Temerosos, invenciveis,
Arrojados vêm do ar;
Seus quarteis ninguem conhece,
Nem o que lhes dá impulso
E lhes move o rijo pulso
De abater, de arrebatar.

Quem os agita e desloca?
Porque voam doidamente,
Leves, em massa, corrente,
Errantes como um judeo?
Invasores como os Hunos,
Barbaros da antiga era —
Desde o estio á primavera
Variam como um Proteu.

São aereos cavalleiros,
Gallopando em correrias,
Desabridas ventanias —
Ou tufões ou vendavaes —
Que em bravos corcéis, alados,
Semelham loucos varridos
Dos hospicios evadidos,
Em desatinos reaes.

A FILHA DO MINISTRO

De graça e de belleza estava deslumbrante
A filha do ministro, em frente ao toucador;
Figura o seu toucado esplendido turbante,
Que em fronte alvi-rosada assenta a negra côr.

E' uma nivea rôla em seu vestido branco,
Que um rico mogorim de inebriante olor
Em seu topete põe, mirando-se de flanco,
E os pomos conchegando, tremulos de amor.

O rosto, o colo, o tronco esbelto ella revia
E a amiga, que chegava, ao vêr tanto esplendor,
Beijando-a, diz-lhe: tens do bello a primazia!
Fosse eu rapaz agora e teu adorador...

O MARECHAL DE FERRO

(FLORIANO PEIXOTO)

Do grande Floriano, o Marechal de Ferro,
Mais grato aos corações o nome se repete!
E o vulto, o de um colosso, erecto em alto sêrro
E' qual constelação que a todo olhar reflecte
Na patria e no desterro.

Memoria veneranda e amada, cada dia
Mais funda vem gravar-se em luz imperecivel,
A do soldado heróe, bandeira alçada e guia
E exemplo de civismo e de honra inexcedivel,
De calma e de energia.

No cimo do poder — um patriota um puro,
De rija envergadura e nunca transformado!
Do publico thesouro inaccessivel muro,
E ao mixto de ambições em grosso revoltado —
O monolitho duro.

Atfirma-se estadista o genio americano
De quem fôra o poder laborioso encerro;
Mais forte e respeitada, o pavilhão ufano,
A Republica deixa o Marechal de Ferro,
O grande Floriano.

Mas veio o successor, reaccionario triste,
Enchente paludosa, e tudo destruio!
Ruina e decadencia é o que de grande existe!
A esqualida miseria os lares invadio,
Vibrando a lança em riste.

Nas garras dos venaes, ineptos e traidores,
Extorce-se abatida a patria do presente;
Quando elevada e digna ao povo, aos lutadores
Legára o general brazilio presidente
Toucada de explendores!

Seu vulto é de um colosso, erecto em alto serro!
E' qual constellação sua alma de Spartano,
Constante e reflectir na Patria e no desterro,
Aos olhos e á memoria: é grande o Floriano,
O Marechal de Ferro!

A MULHER BRAZILEIRA

Seja mulher formosa a que da antiga Athenas
O typo esculptural nos lembra, austero ou meigo,
Ou seja da belleza o mais vulgar apenas;

Ou contraste formal sem graça, sem conchego;
Ou da prodiga sorte a filha aventurada;
Que ás pompas se consagra ou tem-lhes desapêgo,

Distingue-a sempre um dote: a fronte illuminada;
Reflecte como o céo a estrella que fulgura
A atavica bondade em alma bem formada.

E o que mais enaltece esta immortal figura,
Na qual tambem domina o amor mais fundo e vivo,
Que a transforma em leôa e em anjo de doçura.

Eis pois a brazileira: Eden de affectos divo.

SOMOS ESPOSOS

I

Em Guanabara, explendida bahia,
Ancora de regresso um transatlantico
E Arthur que nelle vem, rapaz romantico,
Desce apressado ao bote e ao cáes se envia.

Um carro toma, e emquanto este corria
Em muda abstracção recorda um cantico,
Dos que compoz ainda sobre o Atlantico,
Inspirado á lembrança de Sophia.

Em frente de um portão a carruagem
Subito estaca, e Arthur saltando lépido,
Entra o jardim, gosando o odor da aragem,

Dava alguns passos quando ao calor tépido
De abraços interrompem-lhe a passagem
Entre um mixto vozear, alegre e trepido.

II

Estão na sala bellas senhoritas,
Entre damas, rapazes, cavalheiros,
Que vão se retirando prazenteiros,
Depois dos comprimentos e visitas.

Sophia exulta e o roseo trage, as fitas
Colloram-na de vivos tons fagueiros,
E da viagem casos derradeiros
Arthur lhe conta e scenas exquisitas.

Estão a sós e miram-se contentes,
Fuzilam seus olhares amorosos,
Percorrem-os electricas correntes.

— Amas-me? dás-me dias jubilosos?
Não sei — e tua mão e beijos quentes?...
Dão-se as mãos... Muito bem: somos esposos!

AO MEU CURIÓ

Enleva, enthusiasma, ouvir cantar esta ave
Alegre, saltitante e côr de vinho tinto;
Emulo do canario, em seu cantar distincto,
Quando gorgeia e trina, ora forte, ora suave.

Absorto, extasiado, escuto as fantasias
Que multiples arroja o meu cantor das matas,
Iguaes aos turbilhões de limpidas cascatas
Em cambiantes sóes, por entre as penedias.

Gentil, soberbo, airoso, e insigne passarinho
Quer te illumine a luz do sol irradiante,
Ou apenas de gaz um fóco vacilante,
Não cessa o disprender de sons em torvelinho.

Dulcissimo cantor, salve! vem sempre dar-me
O lêdo e sonoroso estrepitar de cantos,
Que sabes desferir, garbosamente, tantos,
E vem com elles sempre, ao ideal levar-me.

Agosto — 21 — 95.

FINIS CURIÓ

Morreste, meu amado companheiro !
Morreste, meu gentil cantor brazilio !
Jámais virá teu canto alviçareiro,
Orchestra crystalina, o albôr primeiro
Do dia annunciar-me em bello idylio.

O teu real palacio está deserto!
Silente é todo o lar onde eu te ouvia,
O coração alegremente aberto
A' sensações, que em meu lazer incerto,
De teus gorgeios doces eu fruia.

Ao succeder dos dias recrudesce,
Por teu finar, meu dó como a saudade;
Em derredor de mim como entristece
Quietude tão sombria e empallidece
A propria natureza em soledade!

Pobre avesinha! Eu tanto te presava
Como a um ser de minh'alma bem querido;
De sobre a tua pequenina cava
Que parta agora o som que me embalava
De teu hymno hora a hora repetido.

MINHA SANTA

Como a santa a quem se adora
Com um culto interno e pio,
De joelhos pronuncio
Oração que amor te implóra.

Um altar tens em meu peito,
Com perfume, flores, luz,
Com o amor que me conduz
Junto a ti, fiel, perfeito.

Nas manhãs esplendorosas,
Nas risonhas tardes frescas,
Ou em noites romanescas,
Estrelladas, perfumosas;

Só a minha santa eu vejo
Que um primor é de esculptura,
Cujo amor, cuja ternura,
A orar conciso almejo.

Como a santa a quem se adora,
Como estrella vespertina,
Com teus olhos me illumina
E de amor vem dar-me a aurora.

HYMNO

Brazileiro, o grande povo,
De aurea fama circumdado,
Um porvir brilhante e novo
Vê raiar n'um céo dourado.

Povo livre e soberano
Proclamou-se com firmeza,
Arrojando no oceano
C'rôa, throno e realeza.

Cantem filhos d'esta terra
Que fulgura triumphante,
Que sem rei, escravos, guerra,
E' mais nobre e mais pujante.

CORO

Salve o povo brazileiro,
Que é senhor de seus destinos!
Salve a patria e seu cruzeiro
Entre os mais sonoros hymnos!

HOSANNA

(AO LYCEU DE ARTES E OFFICIOS)

Vêde! é um monumento egregio, alevantado,
Em annos de trabalho, em lutas, em porfia,
Como da Grecia antiga um templo que se erguia
A' deusa da sciencia, em marmor consagrado.

Jorra profusa a luz, a musica inebria,
Ouve-se o som festivo, o sonoroso brado,
Que tem a cada obreiro heroe considerado,
Qual ao batalhador que nunca se rendia.

Celebra-se um triumpho, o monumento cresce,
Ornam-lhe a architectura artisticos lavores,
No valor da instrucção que dá e ao povo desce

E a fronte lhe illumina; á luz dos esplendores,
Do saber diffundido a patria, se engrandece,
Mais do que Roma outr'ora aos seus conquistadores.

RESURREIÇÃO

(AO LYCEU DE ARTES E OFFICIOS)

Das cinzas resurgio, mais imponente,
Do povo a livre escola muito amada,
E cantos maviosos d'alvorada
Entôa jubilosa toda a gente.

Entôam todos que da patria sua
A ordem, ao progresso dão tributos,
Da intelligencia e braço os bellos fructos,
Que o amor do bem sasona e perpectua.

Entôam todos, como bandos d'aves,
A' infancia, á adolescencia, á mocidade,
Aos mestres, seu labôr e humanidade,
Transpondo deste templo humbraes e naves.

Exemplo edificante de altruismo
Aqui 'se patentêa alevantado;
E brilha n'outra face burilada
O cunho adamantino do civismo.

Santa missão dos bons! perseverança
Santa dos corações, de amor repletos!
Movem-se aqui debaixo desses tectos
Cruzadas só de paz e de esperança.

Aos bons, do povo, as bençõe fortaleçam,
Como um raio de sol vivificante,
Como o frescor de noite restaurante
E pães nuctricios que do céo lhes desçam.

SAUDAÇÃO

(Á SOCIEDADE BRAZILEIRA «ENSAIOS LITTERARIOS»)

I

E' meu consolo ver-te, a fronte altiva,
Cada anno corôada de mais louros;
Ver-te festiva e lêda, entoando os hymnos
Do progresso das lettras.

E' meu consolo ver que em teu recinto
Regorgitam talentos esforçados,
Trazendo de offerenda os seus labores,
Filhos da intelligencia.

E ahi, aos centos, em sessões esplendidas,
Derramar-se fecundos pensamentos,
E ostentar-se o saber fallado e escripto
Na luta das idéas.

II

E' meu consolo ver de gloria altisona
Teu porvir assomar entre as auroras,
E ver s'illuminar teus horisontes
De resplendentes sóes.

E firme, resoluta em teus designios,
Ovante em teus esforços generosos,
Renovar corajosa tuas forças,
Naquelles que te alentam.

III

E' meu consolo ver-te em veloz marcha,
Os teus rastros deixando luminosos,
Até sentar-te no espaldar do templo
Dos comicios das musas.

E depois, alcançado um tal destino,
Consummado teu grande e nobre intento,
Ante o pasmo de quantos te olvidaram
Fugindo de teu seio.

E' meu consolo ver-te sobre ingente,
Marmoreo pedestal topando ás nuvens;
E ouvir repercutir entre os mais povos,
A fama de teu nome.

SUPPLICA

Vem! minha doce amiga, e por piedade, ao menos,
Acerca-me, um instante, a chamma immorredoura
Que a fronte perennal do amor te anima e enflora,
E á tua voz imprime as vibrações de threnos.

Precito do destino, ao qual em vão se exora,
Eis-me em lethal clausura ou carcere de Tasso!
E ao meu regelo d'alma é unico regaço,
Noite hibernal eterna, onde o viver se chora.

O' vem! vem por piedade, estrella matutina,
Quebrar meu triste encerro e permittir-me o viso
Da luz dos olhos teus, de teu meigo sorriso,
Da luz da natureza, esplendida, divina.

Tu, que és uma aurea joia, aprimorada e rica,
Brilhando a sumptuosa e larga pedraria;
Tu, que resplendores tens meridionaes do dia,
E do que mais na terra a vida dulcifica;

Porque és joven formosa, em plena efflorescencia,
Sê Christo para mim, e do sepulchro á beira
Do Lazaro que sou, bemdicta mensageira,
Num osculo piedoso entrega-me á videncia.

CONTO AFRICANO

Em terras de Guiné, seguia extenso valle
Coberto de floresta, um grupo de africanos;
Marchava á frente o chefe e já vergado aos annos
Apressa os seus, temendo a tempestade estale.

De feito, após o dia e radiante, ardente,
O tempo se turvára e a calma é suffocante;
Longinquo fuzilar adverte áquella gente
Que vão no céo abrir-se os diques do Levante.

Passando uma vereda estreita, a um de fundo,
Topava cada um na pedra mal distincta,
Que a relva verdejante alli encobre e pinta
Como um baixio occulto em mar azul, profundo.

Tropeçam em silencio e avante vão seguindo,
Excepto o ultimo, que mais joven parecia
Que resaltando além, blasphemias proferindo,
Atraz volveu a vêr em que isso consistia.

Mas, subito cresceu a petrea saliencia!
Fechando o valle, fez-se o monte alcantilado!
A noite se approxima e ao moço apavorado,
Humilde estupefacto accusa a consciencia.

Prosterna-se contricto, ao céo as mãos impostas,
A chuva é eminente, explode a trovoada;
Esbate-se, rugindo, o vento nas encostas,
E a matta se balouça a sussurrar curvada.

E canta o rapazinho, em tom mui commovido,
Tristonho, suplicante, esta oração singela:

Senhor! Deus grande!
Que dôr immensa
Sinto em meu peito
Por minha offensa.

Bem sei, Deus grande,
Que é meu castigo
O horror cercar-me,
Ao desabrigo.

Oh! Deus amado,
Imploro afflicto,
E's bom, perdôa
Meu grão delicto.

A serra enorme
Aqui postada,
E' tua força
Patenteada.

Senhor Deus grande,
Peço clemencia,
Farei bom grado
A penitencia.

Oh! Deus amado,
Imploro afflicto,
E's bom, perdôa
Meu grão delicto.

A chuva então cahia em grossas catadupas!
Já era noite escura e só clarões e riscas
De relampagos e de electricas faiscas,
As nuvens deixam vêr, quaes rapidas chalupas.

Por alta madrugada o temporal cessára,
Prostrando o joven preto o somno a pouco e pouco;
E ao vêr-se na cabana, ao despertar, pasmára!
E, dando graças, diz: Deus grande, eu fui um louco.

DEPOIS DAS BODAS

Na rua, enorme fila resplendente
De carros luxuosos se estendia,
E o povo curioso se movia,
Levado pela festa surprendente,
Fantastica, pomposa d'um noivado
Em bello palacete illuminado.

De luzes brilha o florido jardim,
E as salas sumptuosas, decoradas,
Gemiam de convivas topetadas,
Tudo era esplendoroso no festim:
Tinha ares principescos, diplomaticos,
Risonhos como auroras, aromaticos.

Formosas damas, guapos cavalheiros,
Orchestra, bandas, córos e cantores,
E musicos, poetas e oradores
Se exibem entre applausos verdadeiros;
Vem co' o banquete o baile e mais folgança
Do paraizo á todos a lembrança.

E mais que a todos, aos ditosos seres,
Que vêm de se enlançar pelo hymenêo;
De par em par abertas vêm do céo
As portas d'ouro, e rutilos dizeres:
— Entrae, entrae na posse auspiciosa
Do reino da ventura — azul e rosas.

De jubilo, de fé e de esperança
Estava radioso o joven par
Triumphalmente entrando ao novo lar,
Arca nupcial e santa de aliança,
Onde elle amor e paz só deve haurir,
Como ouro em terras biblicas de Ophir.

* * *

A's bodas succedia inteira a lua,
Melliflua, alvinitente e promissora,
Florindo o Eden que antevisto fôra
Ao laborar da provida charrua;
Mas, caso inesperado, na penumbra
A nuvem paira que a existencia obumbra.

* * *

Após o ocaso vem o crepusculo, a noite,
Desfez-se o paraizo, em trevas e deserto,
A esposa hontem invejada, e hoje, ó destino incerto!
Ao seio paternal volveu, soffrendo o açoite
Do audaz repudio d'um marido e vil raposo
Que na mulher só vira um dote appetitoso.

A SURPRESA

I

Sentada, trabalhando á mesa de costura,
N'uma saleta azul-celeste recamada,
Como em pequeno Olympo a deusa consternada,
Está Clotilde envolta em luto e na tristura.

Mais realça ao negror da veste a formosura
E a undosa e basta coma á espalda abandonada;
Contraste da açucena, em dó emmoldurada
Com o esplendor do templo, á luz do sol mais pura.

De quando em vez revê photographada a imagem
Do noivo em um cartão, á sua frente, em busto,
E nisso, têm sómente, as lagrimas menagem.

Enxuga logo o pranto ao estremecer de susto
Com seu bordado lenço a flores e ramagem,
Ouvindo soar á campa e vai abrir á custo.

II

A porta emfim abrio-se e a moça empallidece,
Recua, solta um grito e rapido desmaia;
De salto, em protecção, o noivo, Heitor da Maia,
Entra e se esforça afim que o caso estranho cesse.

Que tens? Que é isto? Que é então que te acontece?
Clotilde se animando e recatando a saia,
Se apruma, quando Heitor temendo que recaia,
A enlaça ao braço, haurindo em beijos larga messe.

— E's tú Heitor ? — Eu, sim; não me conheces mais ?
— Graças meu Deus, que é falso! — és vivo não morreste !
— Como? pois eu morri? — Sim, li-o nos jornaes.

— Bem vês que é falso; vivo !—e nada me escreveste!
E eu de luto a chorar! perdôa, esquece os ais;
— Agora é rir bastante em paga ao que soffreste.

Á memoria de João Gomes

(O DR. JOÃO GOMES RIBEIRO, FALLECIDO EM MACEIÓ)

Tu, que em espirito eras meu irmão,
Tu, que igualmente o foste na desgraça,
Já não libas em sua horrivel taça
O travôr que nos coube em provação.

Viver sem vida ainda aqui me enlaça,
Como ao galé que arrasta o seu grilhão;
Quando em paz e repouso, na amplidão,
Vês a luz infinita que te abraça.

Orestes meu de infancia, eterno ausente,
Teu Pylades será tambem liberto,
Na alforria que espera ardentemente.

Quem sabe? Póde o dia estar bem perto,
Podem partir-se os ferros de repente,
E livre, a unir-me a ti, serei de certo.

CANTO DA SERTANEJA

Oh! meu formoso rio, oh! vasto S. Francisco!
Que passas murmurando em frente de meu lar;
Com sua vela esguia em fórma de obelisco
Conduze na canôa o meu gentil Oscar.

Formoso rio meu, que passas murmurando!
Não vejo ainda o barco, a vela, o galhardete,
No tope a tremular,
E que eu espero aqui, ás tardes, no alegrete
De flores do portão, nas aguas deslisando
Co' o meu gentil Oscar.

Ao murmurio teu e ás tardes resplendentes,
Que encantos para mim se o vejo a navegar!
Ha vida, luz, calor e virações olentes!
Oh! rio, amado, traze o meu gentil Oscar.

AOS BOERS

(GUERRA ANGLO-BOER)

Sómente o amor da patria encarna taes prodigios !
Amor que sulca o berço amado de vestigios
Das lutas do trabalho e de saudade viva,
Amor da patria livre, independente, altiva.

No vasto continente adusto dos mysterios,
Onde o extrangeiro faz conquista e funda imperios
Escrinio natural, immenso de riquezas,
Primeiro deparado ás quinas portuguezas,
Paiz do Adamastor, fantastico e disforme,
De que a bretã cobiça em se apossar não dorme;
E' lá que o amor da patria intenso relampeja,
Tornando o povo heróe que a independencia almeja.

Do Oranje e do Transvaal, o pequenino povo
Republicano, ao mundo, espectaculo novo
Off'rece de valor, levando o terror panico
Ao grande, ao poderoso exercito britanico;
E desse diminuto e viril povo apenas
Em armas um pugillo attesta, em provas plenas,
O másculo vigor, audacia, actividade,
Intrepidez, denodo e energica vontade,
Com que o patriotismo o mais acceso, heroico,
O ensina a ser guerreiro, o mais guerreiro e stoico.
Oh! como é grande e nobre a causa da defeza
Da independencia patria, arrebatada e presa
A' cupida avidez de dominar crescente,
E á força do poder numerica sómente.

Na febre do dominio e de riquezas louca,
A civilisação e o christianismo apouca
E afronta, a poderosa e rica Grã-Bretanha,
A guerra proseguindo, hydrophoba de sanha.
Guerra immoral e iniqua, é mais um attentado
Da antiga barbaria,—o velho scelerado
Votando ao exterminio, em arrogante orgulho,
O bravo contendor e seu total esbulho.
O que entre os homens vê-se é norma entre as nações:
Aos grandes o respeito, ao fraco — humilhações!

Que importa! dura já dois annos a campanha,
Mas o heroismo boer no patrio-amor se banha,
Resiste, ainda bem! resiste até vencer.
Se não tombar vencido, athleta a combater,
Abandonado e só, nos cerros internado,
Por territorio inimigo e extranho, limitado,
Sem curso para o mar enfrenta a grã potencia
Que tem esquadras, mar e portos e assistencia
Das suas possessões, do alliado, e do extrangeiro,
Mas, perturbado, estaca em face ao boer guerreiro.

Póde elle ser vencido e ao numero esmagado,
Da patria, liberdade e vida despojado,
Vencido vencedor, vencido glorioso,
Leonidas moderno e emerito famoso.

Tal é o seu valor, taes sãos os seus prodigios,
Legando á historia a luz vivaz, de seus litigios,
Emquanto as maldições hão de chover de horror
Sobre esse insaciado e infrene usurpador.

VENTURA MALLOGRADA

Humilde, pobre mesmo é qual princesa
Ou diamante a scintillar occulto,
A neta do hortelão de esbelto vulto,
Qual filha d'uma extincta realeza.

Espirito jovial, ainda inculto,
Céo de candura e rutila belleza;
A quem pretende em rasgos de nobreza
Um capitão, que amor lhe vota e culto.

Vão ser felizes! e o futuro esposo,
A expensas de seu bolso generoso,
Seu diamante entrega ao lapidario

Pela instrucção se illustra o seu sacrario;
Mas leva a morte o noivo, e o sanctuario
Desfez-se em pranto e em campo luctuoso.

O leque de Nenè

Tem um perfume que avassala e encanta,
Effluvios que se elevam do contacto,
E creio ser o leque o seu retrato,
Quando o piano ao seu dominio canta

Fragrante e simples como a flor do cacto,
Garboso qual palmeira se alevanta,
Murmura e agita o ar com força tanta
Que me sacio ao seu frescor tão grato.

Ao seio della virginal se libra,
Qual borboleta sobre flor mimosa
E lentamente após as azas vibra.

E a ineffavel delicia vaporosa,
Que eu goso de seu leque a cada fibra,
De um anjo lembra a pluma caridosa.

A PEQUERRUCHA

Sem ver, eu creio estar te vendo a todo instante,
Estrella refulgente alçando-se nos céos;
Pulsando amor e vida original de Deus,
Tão meiga e sorridente, em disco coruscante.

Tambem te vejo mais formosa, entre trophéos
De estrellas e de sóes, ideal e deslumbrante,
De flores de subtil perfume inebriante,
E em tua voz escuto a flauta dos Orpheus.

Se assim tão radiante á mente me appareces,
E' que de ti me lembro, ás gentilezas grato
De teu coração de ouro, onde ha conforto e preces.

A's vezes ao piano o teu encanto innato
Seduz-me, e quando aos sons da musica me aqueces,
Eu engrinaldo teus cabellos pelo tacto.

CAHIO!

Era um rapaz galante, era um Narciso,
Ainda imberbe, louro, effeminado,
De bellas raparigas namorado,
O filho d'um ricasso pouco liso.

No bairro, o tal menino é diplomado,
Doutor em peralvice e pouco siso;
Vê florir seu ideal — o paraiso —
Nas ruas ás janellas abeirado.

Nisso, e em cafés, theatros e assinos,
O tempo consumia quando ouvio,
N'uma tarde, entre moças e meninos;

Do pae, em seu encalço um forte psio;
Foge! e risadas troam como sinos
Porque de pernas para o ar cahio!

ESTRELLA POLAR

(A MINHA NETA GEORGINA)

Sê, florzinha, meiga e bôa,
O anjo bom que ao céo invoca
Quem da vida na canôa
Já não póde navegar;
Quem do mundo se desloca
Neste mar-morto arrojado,
Esquecido, abandonado,
Sem mais estrella polar.

E' um finado insepulto,
E' um vivo sepultado,
Do infortunio sempre inulto,
Sente as garras d'um jaguar;
De continuo flagellado
Pelas settas dos ingratos,
Pela crueza dos factos,
Sem mais estrella polar.

Como na sombra de um tumulo
Encerrado em vida, soffre
De irrisões da sorte o cumulo,
A procella infinda, ao mar;
Ai, florzinha, um aureo cofre
Sê de graças meiga e boa,
De vôvô n'esta canôa
— A bella estrella polar.

SERENATA

Oh! menina de olhos pretos,
De cabellos annellados!
Só por ver teus grandes olhos
Tenho os meus já deslumbrados.
Os anneis de teus cabellos
São os élos da corrente,
Que aos teus pés me prende e arrasta,
Qual se eu fôra penitente.

A boquinha tens vermelha,
Que de longe me esboquinha;
Ai quem déra que esta bocca
Se encontrasse com a minha!
Qual botão de cravo rubro,
Tem frescura mui cheirosa,
Tem sorrisos seductores,
Mais do que o botão de rosa.

São teus seios limões doces
N'um só galho sustentados:
Dois bonitos irmãos gemeos,
Dois cupidinhos velados.
Oh! meninas de olhos pretos,
Mais formosa do que Venus,
Mais querida e festejada
Do que a deosa dos Helenos;

Oh ! eu te amo mais que todos
Juvenil, formosa Venus!

O DIA DE NATAL

A Luiz Leitão

Em toda plenitude o céo se descortina,
Assetinado, azul na limpidez mais fina;
Formoso e sorridente, é qual um acclamado
Ou o mais alto conviva em festa de noivado.
Bizarro e esplendoroso, após o astral cortejo,
O sol saudava a terra em luminoso beijo.
Era uma das manhãs poeticas de estio,
Das brisas refrescada, ungidas do mar frio,
O povo e a natureza em seus risos e abraços
Parecem reflectir uns radiosos traços.
Algo nos corações havia, qual scentelha,
Que em chammas se transforma e as faces avermelha,
De amor, crença, esperança e fundas alegrias
Ou o calmo meditar na lenda do Messias.
E' que volvera o dia, o santo natalicio
Do Mestre divinal votado ao sacrificio.
O dia resplandece em honra de Jesus,
Entre cantos, verdura e flor, perfume e luz.

Como uma caravana em marcha para o campo,
Familia numerosa avança pela estrada,
Garrula e saltitante ao bello da jornada,
A graça abria ahi lampejo de relampago.

Em vestes de verão, velhos, moços, crianças,
Transporta cada um, quaes prómidas formigas,
Farnel na sua cesta, e servas raparigas
O grosso conduzindo atravessado em lanças.

Era o caminho orlado, um pouco além da matta,
De cajueiros, murta e grumichama lindos,
E os fructos, já á vista, e na estação bemvindos,
Passando, o rapazio ás hastes arrebata.

Um sitio se buscava e um, prompto, se depara,
Como um docél soberbo e flórida estadia,
Poetico remanso, em circo se estendia
Do cajueiro a fronde, encantadora e clara.

Entrando, julgam vêr um camarim de Flora,
Delicioso olôr do bosque se respira,
Tudo se ordena e adapta, accende-se uma pyra,
Deslisa a lympha pura a murmurar lá fóra.

Nas arvores se vêem as redes balouçando
E, pendentes, violões, guitaras, cavaquinhos;
Esvoejam pela cópa e cantam passarinhos
E se ouve o instrumental vibrar de quando em quando.

A' vivas expansões se anima o convescote;
Branca e attractiva alveja a mesa sobre a esteira,
Onde a familia vem sentar-se, prazenteira,
Lembrando, o chefe, á frente, amavel sacerdote.

De magica belleza o quadro inspiraria
Meireles ou Van Dick, os celebres pinceis;
Em grupo tendo alli paes, filhos, menestreis,
No céo de um bosque, o templo, e altar da romaria.

Ha brindes, saudações, idylios, madrigaes;
Intenso regosijo os rostos illumina,
Faisca o ardente olhar de pubère menina,
A mais bonita e mais jocunda entre seus paes.

Aquelle olhar com outro em jovial semblante
De um *vis a vis* conviva, os raios seus crusava;
O qual contemplativo e absorto se deixava
As vezes surprehender ou n'um cantar flagrante.

Cupido espanejou por lá as suas azas,
Sacou do seu carcaz e despedio as settas,
Partiram como um raio e ao alvo vão directas
N'um par de corações abrindo as suas casas.

Do farto almoço ao termo ergueram-se, por fim,
E os jovens corações de mutuo amor feridos;
Musica harmoniosa e cantos desferidos,
Levaram pela matta os écos do festim.

Veio esplendida a tarde, apresta-se o regresso,
E um hymno em despedida aos bellos cajueiros,
Tão prodigos e bons, leaes, hospitaleiros,
Foi effusivamente e com saudade expresso.

*
* *

Como uma caravana, em busca da cidade,
Toda a familia volve e amigos mui contentes:
Mezes depois, porém, os namorados entes
De seu consorcio dão noticia á christandade.

AS DUAS BONECAS

De uma ideal belleza, dulçorosa, artistica,
E' qual boneca de negra cabelleira
A menina que em seu lar, sob a clareira,
Folhêa um livro, em quietude quasi mystica
Ella! tão travessa, arteira!

Subito, infantis cantigas, radiante,
Canta, a saltitar gentil como um canario,
Vendo rutilar com brilho estacionario
Sem um til que offusque o tom de diamante,
O seu dia anniversario.

Conta um lustro apenas a vivaz boneca,
Que outra já conduz ao collo no jardim;
Loura, olhos azues, vestida de setim,
Como eximia artista em sólo de rabeca
N'um concerto de Berlim.

Como a borboleta vôa entre os canteiros
E quer que a boneca aspire o aroma ás flores;
Mas, n'uma corrida, a trêfega Dolores
E gracil menina cahe sobre uns craveiros
E bonitos monsenhores.

Poz-se á pé, contusa, e vio estupefacta
O desastre que lhe malsinara os passos;
Ai ! quebrou-se-lhe a boneca !... é só pedaços !
Chora! chora em desespero a sorte ingrata,
Da mamãe correndo aos braços !

ADEUS

(AO EMBARQUE DE MINHA NETINHA IRIS)

Já tão pequinina
Tu vaes viajar;
As ondas sulcando
Que se erguem no mar,
Brincando sorrindo,
Sem nada pensar.

Mimosa pombinha
Que pisas faceira;
Da terra onde vaes
Que volvas ligeira
A' terra que deixas
Tão bella e fagueira.

Das flores que amamos
Tu és das mais raras,
Já tão pequenina
De nós te separas,
E vaes, nos deixando
Saudades amaras.

Mimosa pombinha
Que pisas faceira;
Da terra onde vaes
Que volvas ligeira
A' terra que deixas,
Tão bella e fagueira.

Que Deus te conduza
A salvo no barco,
E aportes ao marco
Feliz da jornada,
E a sorte te illuza
Propicia e dourada.

Mimosa pombinha
Que pisas faceira;
Da terra onde vaes
Que volvas ligeira
A' terra que deixas,
Tão bella e fagueira.

Ó meu anjo ó meu amor!

A luz viva de teus olhos,
Ao teu quente olhar de amor,
Esperanças já perdidas
Reflorecem com vigôr;
E eu exclamo embevecido:
O' meu anjo, ó meu amor!

Quanta dôr tem lenitivo!
Quantas faces—rosea côr!
Quantos corações pulsando
Com mais vida e mais calôr,
Se te vêem luzir formosa:
O' meu anjo, ó meu amor!

Mas, só eu, por teus encantos,
Te consagro um fundo amor;
E quizera com teus risos,
Teu olhar tão seductor,
Bem dizer-te em doces beijos:
O' meu anjo, ó meu amor!

Ao anniversario de Albertina

De flores coroada jubilosa
Vencestes mais um marco do caminho,
Que o destino te abrio com todo o alinho,
Na colina da vida radiosa.

Sobes apenas, meu botão de rosa,
Dessa florida estrada sem espinhos,
Os lances primevaes, em que de arminhos,
Te cobre a candidez, que o affecto esposa.

Minha loura criança, entre folguedos,
Saltos e risos, té aqui chegaste,
Praza aos céos, tenhas sempre dias lêdos.

Aceita, pois, o meu saudar amigo,
Que como a nota doce que vibraste,
Minha alma se compraz tambem comtigo.

Ao cantor da linha recta

Não fique o nome seu no olvido sepultado.
Como é o corpo seu na argila da necropole.
E' civico dever dos vivos memoral-o,
Foi bravo luctador e soffredor stoico,
Como é direito assente este tributo ao morto.
O autor da *Linha-Recta,* o livro de combate
Que enfecha scintillando esplendidas batalhas
Ao dissolvente imperio e á negra escravidão.
Honrosa fé de officio — uma opulenta herança
De prodigo, legada aos seus compatriotas.
Trovas Modernas n'um livrinho — o ariete
Que ataca a monarchia, augmenta a sua deixa.
E foi victorioso o herculeo legionario
Como toda a legião. E morre na Republica,
Vencido da desgraça e envolto nos farrapos
Da mais triste miseria, exangue, anniquilado.
Mathias Carvalho é o poeta patriota
Que assim no sólo cahe — possante sicupira
De raio fulminada e até então batida
Por longos vendavaes.
E' esse o grande premio
Que a mãe republicana aos filhos mais modestos
Por bem ha conferido, embora os mais obreiros;
Por impios dirigidas, a mãe fez-se madrasta,
Tal quem por Mahomet o Christo renegasse.
Justo é, pois, do infeliz poeta laureado
O nome, a propaganda e os cantos memorar.

CHIMÉRAS

Cansadas de pungir-me já fallecem
As urzes aceradas do caminho;
E a negra cerração vai-se evolando,
Como o vapor de generoso vinho.

A luz que de meus olhos se extinguio,
Parece, já longinqua broxulêa,
Como estrella propicia no horizonte,
Como esperança que a promessa atêa.

Desopprimido coração se expande!
Minha'alma se dilata illuminada!
Eu marcho sem temor, descortinando
Deus e os anjos em raios de alvorada!

* * *

Mas, que falaz caricia do destino
E' esse attenuar do negro véo!
O lento retrahir de seus espinhos,
O vago despontar de luz no céo!

Simples Chiméra — de fugaz consolo,
Quando sigo attristado e vacillante;
E tua mão me estendes caridosa,
A minorar o inferno meu de Dante.

Depois... as mesmas urzes eriçadas!
Sob o silencio — o pranto que fermenta!
E em vez da seductora e vã miragem,
A mesma treva immovel, somnolenta.

* * *

Mas, a nocturna sombra que me afronta
Se ergueria qual scenico velario;
E ahi, n'um esplendor de primavera,
Arrazado eu veria o meu Calvario;

E desvendada toda a terra em galas,
O mar tranquillo, o céo com seus luzeiros,
As nuvens brancas, flores perfumosas,
E o fulgor de teus olhos feiticeiros;

Se, por encantos teus de amor, quizesses
De toda essa calligem redimir-me;
E só de ti captivo, o paraizo
Terias, na verdade, vindo abrir-me.

A Alice Avila

Ergueu-se fulgurante o dia assignalado
Em que vieste á luz do bello céo brazileo,
E lá no firmamento azul e constellado,
Na gránde cruz se vê mais rutilante o brilho:

O aureo e festivo dia agora se repete,
Coroando-te a fronte um mais brilhante estadio
Em que da mocidade a graça se reflecte,
E a gala e a louçania armaram-te o paládio.

A's luzes do cruzeiro os olhos te accenderam,
A's faces te imprimindo a côr angelical,
E ao coração doçura igual ás que souberam
Com seu amor fazer do inditoso o immortal.

Serás assim feliz, ó meiga creatura,
Que fazes reviver quem já viver não póde,
E possa o redivivo haurindo-te a doçura,
Anniversarios teus cantar se assim lhe acóde.

18 de Agosto de 1896.

Chuva de rosas

Por ti coberto fui com tuas rosas,
Que em grande copia sobre mim cahiram;
Descendo como chuva, me cingiram,
Tão bellas como tú, tão perfumosas.

Exalte este triumpho o teu desvello!
Laureie tua cabeça encantadora!
Pois sendo tú real triumphadora,
A ti pertence o diadema bello.

Venci, porque és meu anjo da victoria,
Alcei-me e fostes o magico motor,
A's lutas me impellindo com ardor,
E á conquista da minha maior gloria.

De amor o escrinio teu, sonora lyra,
Rico thesouro em peito de donzella,
Que, amando com ardor de Graziella,
Chuvas de rosas sobre mim atira.

PARABENS

(Á D. ARLINDA PACHECO)

Aqui revôa a nova prazenteira,
Em lindo cartãozinho aprimorado,
Testemunha eloquente e verdadeira
De quanto tens por lá rejubilado.

Tambem regozijei-me enormemente,
Porque me prazem tuas alegrias,
Vibrando em meus ouvidos docemente
Como os écos de bellas harmonias.

O caso é, pois, que em teu formoso ninho,
Aquecido ao calor de puro affecto,
Vagindo appareceu um entesinho,
O primeiro de teu sonhar dilecto.

Deves sentir no peito palpitando
Que uma nota mais funda agora tens,
Pulsações mais sonoras te agitando;
— E's mãe! aceita, pois, meus parabens.

MARIA

I

Não te esqueças de mim. Gravada a tua imagem
Sorri dentro em minh'alma, ahi vive, palpita;
A todo o instante o teu olhar no meu se fita,
Illumina-me a idéa, inspira-me a coragem.

Não te esqueças de mim. Embora eu não te veja,
Não cessa de te ver o meu amor, formosa:
Enlaça-te incendido, aspira a perfumosa
Essencia de teu seio e tua fronte beija.

Fanal que me seduz a vida, es tú, Maria!
E por mais que a tormenta impila-me aos abrolhos,
Avanço, porque tenho em ti cravado os olhos,
Porque és a minha amada, a estrella que me guia.

II

Volveste, em fim, mais bella, esplendida, risonha,
Depois de longa ausencia, e de saudades cruas;
Como o raiar da aurora após noite medonha
Presentes vi brilhando as roseas faces tuas.

No seio do esplendor que o corpo teu reveste
Como eu te contemplava e te adorei fervente!
Vivi de teu olhar angelico, celeste,
De meu amor a luz, o sol resplandescente.

Tu vieste, Maria. E o pranto da tristeza
Ao ver-te, transformou-se em risos de alegria;
Cantou meu coração, cantou a natureza
E o canto apaixonado, amor, amor, dizia!

III

O' anjo meu da guarda! O' célico thesouro,
Que tens do firmamento os seus milhões de sóes!
Estende sobre mim as tuas azas d'ouro,
Colora meu ideal de vivos arrebóes.

Sómente em ti consiste e em teu amor se encerra
O bello ideal sonhado, essa ambição suprema;
E só por teu amor, querida, póde a terra
Tornar-se em paraizo e em mystico poema.

E meu spirito, qual volátil mariposa,
Fremente volitando á luz fascinadora,
Em torno a ti, revôa alegre, adeja e pousa,
Sorrindo escravisado, a ti, gentil senhora !

IV

Não te esqueças de mim, ainda te supplico,
Como se na imminencia eu fosse d'um naufragio,
E á virgem santa erguesse afflicto o meu suffragio
Por me salvar de amor o coração mais rico.

Pódes folgar e rir, de vida exhuberante;
Cantar com esta voz que a ti mais me encadêa,
Tudo aquecer ao teu olhar que relampêa,
Com o dulçor da lua e chama fulgurante,

Sem te esquecer jámais que nesta humilde plaga,
Onde é meu triste exilio, a idolatrar-te existo,
E que um templo te fiz do peito meu por isto:
Porque flammeja nelle o amor que não se apaga!

A LUZ

(FIAT LUX. ET LUX FACTA EST)

A luz! a luz! da vida o ingenito elemento,
Do creador poder o portentoso invento!
A base e cup'la da obra universal, sublime
De eterna rutilancia, em que se desopprime
Da treva a creação, que, immensa, resplandece,
O coração alegra, e o animo fortalece.

A luz! a luz! do ser humano inspiradora,
A irradiar do céo, ou quando se enthesoura
De um rosto juvenil nos olhos scintillando,
Ou purpurêa e doura as nuvens marchetando,
E veem-se entre um tremor, um susto ou um desmaio,
Lampejos de trovão e coruscar de raio.

A luz! a luz! de amor o riso, o beijo ardente,
O banho luminoso, o olhar do Omnipotente,
Flamma, pharol, incendio ou auroras boreaes,
Do poema do mysterio estrophes sem iguaes,
Encanto, maravilha e perenne apotheose
De amplissimo clarão afim que o mundo goze.

Quem é que a luz não vê? quem a luz não admira?
Quem pede em ancia a luz para cantar na lyra?
Quem chora como pela amada fugitiva,
Que já gozou formosa, aurifulgente e viva?
Oh! o misero, mesquinho e desgraçado cego,
Como um submerso afflicto a bracejar no pego!

GOMES BRAGA

(A' SUA MEMORIA)

Soando rudemente a hora da partida,
Cerraram-se para elle as portas da existencia;
Seu grande coração, a viva intelligencia,
Em somno perennal quedaram de vencida.

E' mais um viajor, que deixa em reticencia
A historia da jornada, em meio percorrida;
E' mais um paladim que tinha alma incendida
De amor da patria, ao céo chamado em preferencia.

Foi muito cêdo ainda! os grandes ideaes
O armaram cavalleiro, em guerra ao escravismo,
Em prol do bom direito e avanços sociaes.

Foi bom republicano, exemplo de civismo,
Caracter franco e puro, amigo entre os leaes,
Que nessas lutas viu o seu floral baptismo.

POMPAS

I

Segue radiosa a estrada,
Que o destino bom te abrio,
Via lactea onde imprimio
Refulgencia bemfadada.

A natura te vestio
De belleza inigualada,
Em doçura emoldurada,
Quando a sorte te sorrio.

Tens o ponto de partida
Ao fastigio da existencia,
Que o amor puro te elucida.

Mas, recorda, na eminencia,
Que és o meu destino e vida
E te sigo na ascendencia.

II

Como a pedra preciosa
Encontrada alli na gruta,
Do riacho á beira undosa
Tua posse amôr disputa.

Quando o bello se reputa
Nesta terra esplendorosa,
Corações tiveste em luta
Como off'renda, fervorosa.

Mas, nenhuma mais que a minha
Trouxe um fundo igual de amôr,
Nem canções d'alma continha.

Ella eleva o teu valor
Nem n'um fio te amesquinha,
Nada, ó lyrio, tens que oppôr.

III

Vens commigo á minha instancia,
E a teu lado eis-me em passeio
Aos jardins de mais recreio,
Mais poesia e mais fragrancia.

Regosijo largo e cheio
Em teu rosto a exhuberancia
Se expandio, com resonancia
Expontanea de teu seio.

Que de encantos no regresso!
Em exigua e linda náu
Que em mar liso fez successo!

Disse, emfim, em teu degrau:
"Vou saudoso te confesso,
Té a noite no saráu."

IV

Quando entravas, já na sala
Trescalava o teu perfume;
Tu entraste como um nume
Entre enthusiasmo e gala.

Que explendor! ninguem presume
Desse encanto que avassalla
Desse brilho côr de opala,
— Tua auréola de costume.

Como o passaredo em bando
Que recorta o ar trinando,
Communicas a alegria.

Tudo ao teu sorrir se abria,
Flores, corações te amando....
E de amôr chorava e ria.

V

Reina festa! Ahi tens preito
Como a mais gentil rainha,
Ovações em toda linha
Em ruidoso amavel pleito.

Se cantavas, eis que vinha
O teu canto encher meu peito,
Como um teu feliz eleito
Que dizer pudesse: — és minha!

Pedem beijos delirantes
Tua bocca purpurina
E teus olhos fascinantes;

Quando surges, doce undina,
D'entre as luzes cambiantes,
Como deusa peregrina.

VI

E partiste; mas comtigo
Foi-se a radiante aurora,
O perfume, a voz sonora,
A alegria em rosto amigo.

De saudade então se enflóra,
Quem nutrindo o affecto antigo,
Fica e espera ter abrigo
No clarão que te decóra.

Volve, pois, formosa Iris
Iriando essa esperança
Co'o matiz que reflectires.

Que ventura se elle alcança!
Se em teu curso d'alba ouvires
Quem de te querer não cança!

A CELINA

Ruidoso alvorecer, em hora matutina,
Um lêdo passarinho, em cantos successivos,
Vem despertar-me e diz-me em seus trinados vivos,
Que é hoje, anniversario alegre de Celina.

— E' plumeo mensageiro, a celica menina,
Mimosa e bella flor que em seus perfumes divos
Apenas desabrocha? e em dias mais estivos
Mais trescala e resplende, em seu hastil se inclina?

— E' ella, a quem chamais celestial, celeste,
A quem uma aurea luz circumda o rosto e a veste
E vêdes jovial e cheia de carinho.—

— Aligero cantor, as saudações levai-lhe,
As mais sinceras d'alma e em seu louvor cantai-lhe
Os hymnos festivaes bellissimos do ninho.—

VOLVE Á' ARTE

(Á SENHORITA OCTAVIA GUIMARÃES)

Já rutilo seria o teu destino,
Florida a tua idade juvenil;
Princeza da arte já feita ao violino,
Ao piano, ao canto, em que te ouvi gracil.

Mas não o quizeste, illusa ao fogo fatuo,
A' falsa luz de amor que te attrahia,
Firmaste d'um noivado alegre o pacto
A curto espaço, ao fulgurar de um dia.

Deixaste, emfim, ao abandono, á inercia
O teu talento artista, os instrumentos,
Por um senhor — o noivo, um Shah da Persia,
Que escravos quer a esposa, o mar, os ventos...

No céo luzio-te a estrella redemptora
Antes que os pulsos desses á cadeia;
Rompeu-se o compromisso, és já senhora,
Liberta borboleta já da têa.

Volve á arte, pois, que és muito moça ainda,
Dedica-lhe o talento, o amor, o estudo,
Nella terás consolação infinda,
Renome, gloria laurea, c'rôa e escudo.

A MAGNOLIA

A tua magnolia vendo
No hastil, cheirosa, entre aberta,
Vi tua imagem desperta
De um somno reparador;
De simples roupão vestida,
Alvo, elegante, aromado,
No peito apenas rendado,
O teu retrato era a flor.

Beijei-a de amor, beijei-a,
Pensando que te beijava,
Teu rosto na flor brilhava,
Com olhos de um terno olhar;
Em teu roupão elegante,
Cheiroso, branco de neve,
Que em ti fluctua de leve,
E's bella de arrebatar.

Da flor me fizeste um mimo,
Que encheu-me o peito de vida,
De uma esperança querida,
Meu estro de inspiração;
A flor, como estrella d'alva,
A' que tambem te assemelhas,
E's tu, magnolia que espelhas,
E's tú de niveo roupão.

A NOVA FREIRA

(NO «CONVENTO DE SANTA THEREZA»)

No ceu nublou-se a tua aurora de esperança!
Sugestionada, ouvindo o beato fanatismo,
Professas n'um convento, em pacto de alliança,
Orando extasiada até o paroxismo.

Nenhum affecto assim poupaste ao teu repudio!
Trahiste a missão nobre e bella da mulher!
E's desertora, pois, da vida no preludio,
Da legião consagrada ao maternal dever.

Amemos a familia, a humanidade, o povo!
Cumpramos a legenda — amar e bem fazer.
E' o que é amar a Deus, sentindo um sangue novo,
Que o amor nos affervora, as veias percorrer.

Em meio do labor pacifico, operoso,
No seio da familia e da onda popular,
Tambem se adora a Deus, tambem se é virtuoso
E é facil ser um bom, sabendo o bem amar.

II

Quem só quer ser de Deus e para Deus, se illude,
Se pensa só no claustro e a sociedade exclue,
A pratica da fé christã e da virtude
Aqui no mundo mais se estima e mais influe.

Em toda a parte a Deus se adora alem do claustro,
De toda a parte a Deus se vê como as estrellas;
E mais a Deus pertence e serve quem no plaustro
Co'o povo soffre e ri, na calma e nas procellas.

A religiosa crença, o mysticismo, o tédio,
O amor desilludido, a morbida tristeza,
Asylo encontram, paz, quietude e são remedio
Na fé e na familia á luz da natureza,

Vestal christã perpetua é mais edificante
No mundo externo ser, em meio á multidão;
Não é mister convento — uma excrescencia hiante,
Do sec'lo anachronismo, a se elevar do chão.

Aldeã cavalleira

Como um enorme quebra-luz cinéreo
Ou um extenso pallio, sobre a aldeia,
Pairava vasta nuvem que a sombrêa,
Emquanto além se vê clarão sidereo.

Na praça, em um vaivem, como andorinhas,
Brincavam as creanças em corridas,
Quando passou, montada em seu rei Midas,
A mais bonita aldeã d'entre as visinhas.

Voltava de banhar-se ao cachoeiro,
Trazendo parasitas lá do monte,
Quando, ao traspôr a nova e linda ponte,
A nuvem se desfez em aguaceiro.

Dispara o seu corcel até a choça,
As crianças n'um vôo desapparecem,
Mais logo o sol e o campo resplandecem:
A aldeã cantava então canções da roça.

QUEIXUMES

(A' SENHORITA F. A. L.)

I

A sorte meigamente te sorrio
E mão de amiga deu-te carinhosa,
E mais perfume e vida como á rosa,
Que ao matutino orvalho ao céo, se abrio.

Mas para mim os astros e as auroras
Cadentes se apagaram lá no abysmo;
Tortura-me o destino no ostracismo,
Sem mais te ouvir consolações canoras.

Já não me aclara a luz de teus olhares,
Não me anima o frescor de teu orvalho,
Nem mais de teu affecto um agasalho,
Como um banido para além dos mares.

Não podes, pois, vir vêr-me com teus lumes,
Por ti já esquecido, em meu inverno,
Mas ha de visitar-me o somno eterno
Antes que te commovam meus queixumes.

II

Magoado e triste, chora o olvido da amizade,
Que sempre consagrei-te estreme e castamente,
Meu pobre coração, qual cithara plangente,
Vibrando ás mãos d'um anjo as cordas da saudade.

E' o pranto a maviosa e simples elegia,
A musica que geme em phrases soluçantes
De quem padece a dôr das settas penetrantes
De tua ingratidão com sua tyrannia.

Sei que a thebaide minha, humilde, é já ruinas,
Despida de attracções ou fastos de Palmyra;
Que os montes de esmeralda e o céu côr de saphyra
Não queres contemplar d'aqui, onde dominas.

Mas, tu que és para mim, uma alma grande, angelica,
Capaz de compaixão que evoca, minha estima,
Symbolo da bondade á que o infeliz se arrima,
Vem aspergir-me aqui tua alegria celica.

III

Meus sonhos, meu pensar, a passarada, as flôres,
O campo, a brisa, o mar;
Tudo me diz agora em meus ideaes labores,
Que em vão é meu penar.

Que da memoria tua ha muito me varreste
Qual pó do teu espelho;
Que posso aqui finar-me ou n'outra terra... agreste,
No Acre ou mar Vermelho.

Porque é que ao tecto meu lançaste esse interdicto,
Que tanto assim te afasta?
E a excommunhão maior que soffro, qual precito,
Vibraste-me nefasta?

E' porque te alças quando a sorte má me verga
Com braços de colosso?
E amiga já não és, porque de velha enxerga
Apenas sou destroço?

Não posso crêr, não posso! E nem condiz comtigo
Do tempo a mutação;
Mas creio duradouro o apreço que te ligo,
Porque... tens coração.

IV

Ha longo tempo que te espero a fausta vinda,
Fortuna sempre ingrata, esquiva, fugidia,
E qual Tantalo, a quem a sêde supplicia,
Eu continuo sedento a te esperar ainda.

Porque tens coração, te disse, bem formado
Certo virás a mim, cumprindo o promettido,
Ligando o fio d'ouro, em tuas mãos partido,
D'aquelle affecto em que me trazes isolado.

Póde elevar-te a sorte ao throno de rainha,
Não logrará o orgulho avassalar-te o peito;
Com teu piedoso amor não cessarás, de feito,
De consolar a quem ao desamor definha.

Ligeira has de baixar do solio, ó meiga pomba!
O lenitivo teu benefico, espontaneo,
Levando ao infeliz que o aguarda ao supedaneo
Ou lá no pobre albergue em que vacilla e tomba.

CANÇÃO "MIMO DE VENUS"

Mimosa "mimo de Venus"
De rara, ideal formosura,
E's minha flor predilecta,
Da mais nitente brancura;
Mimosa "mimo de Venus"
De rara ideal formosura.

Vem, minha flor a meu lado,
Cantar commigo á viola
Aquella terna cantiga
Que o coração nos consola;
Vem, minha flor a meu lado
Cantar commigo á viola.

Vê tua estrella no céo,
Ao lado fulgindo a minha,
Como um casal namorado
Que somos nesta casinha;
Vê tua estrella no céo,
Ao lado fulgindo a minha.

Cantando á minha viola,
Teu canto tem mais ternura,
Cantemos nossos amores,
Cantemos nossa ventura;
Cantando á minha viola
Teu canto tem mais ternura.

BANDEIRA NACIONAL

(HYMNO)

Do meu paiz a bandeira,
Que tão garbosa se hasteia,
O patrio amor me incendeia,
Nos topes a fluctuar.

Salve! auri-verde estandarte,
Que o meu Brazil symbolisas
E os corações electrisas
Dos que te sabem amar !

Eu amo e quero a bandeira,
Que minha terra propaga
E os povos todos affaga,
Aos ventos a tremular.

Salve! auri-verde estandarte,
Que o meu Brazil symbolisas
E os corações electrisas
Dos que te sabem amar!

E' de ordem e de progresso
A mais formosa bandeira,
A federal brazileira,
Que devem todos honrar.

Salve! auri-verde estandarte,
Que o meu Brazil symbolisas
E os corações electrisas
Dos que te sabem amar!

De minha Patria bandeira
Com sua cruz estrellada,
Com a legenda gravada
Salve! na terra e no mar!

Salve! auri-verde estandarte,
Que o meu Brazil symbolisas
E os corações electrisas
Dos que te sabem amar!

INDEX

	Pags.
Prefacio	V
Garça Branca	1
Chuva de estrellas	2
A Banhista	3
O Christianismo	4
Eu hei de ser ditoso	6
Pagar promessa	7
As flôres	8
No baile de mascaras	9
O anjo decahido	10
A fuga	13
Tentação	14
Uma scena na vivenda	15
Sagração da vida	16
As tres irmãs	18
A petalas de rosas	19
Em uma festa natalicia	20
O beijo que me deste	21
A luta na floresta	22
Os sanhassús	23
A viuva Ignez	24
Coitado	25
O navio amizade	26
A ultima cigarra	27
A casinha da Collina	28
A' memoria de Lulú	29
Apotheose de Gonçalves Dias	30
Mãos de criança	32
O Talento	33
Risadas	35
Canção da Noiva	36
Canção do Noivo	37
A Revolução de Cuba	38
Visão de José Ramos	41
Lagrimas de Mãe	42
Coral Celeste	43
Inutilmente	44
O seculo vinte	45
O Canto da Jardineira	46
Dormindo	47
As duas amigas	49
Promessas de amor	53
A flotilha Marieta	54

	Pags.
Quero viver	55
A maravilha	57
Entre insectos e passaros	58
A' memoria de Philó	60
29 de Novembro	61
Chuva de perolas	62
Cavallaria aerea	63
A Filha do Ministro	65
O Marechal de Ferro	66
A mulher Brasileira	68
Somos esposos	69
Ao meu Curió	70
Finis Curió	71
Minha Santa	72
Hymno	73
Hosanna	74
Resurreição	75
Saudação	76
Supplica	78
Conto Africano	79
Depois das Bodas	81
A surpresa	83
A' memoria de João Gomes	84
Canto da sertaneja	85
Aos Boers	86
Ventura mallograda	88
O leque de Nênê	89
A Pequerrucha	90
Cahio	91
Estrella Polar	92
Serenata	93
O dia de Natal	94
As duas Bonecas	97
Adeus	98
O' meu anjo ó meu amor	100
Ao anniversario de Albertina	101
Ao Cantor da linha recta	102
Chiméras	103
A Alice Avila	105
Chuva de rosas	106
Parabens	107
Maria	108
A luz	110
Gomes Braga	111
Pombas	112
A Celina	115
Volve á Arte	116
A magnolia	117
A nova freira	118
Alleã Cavalleira	120
Quebrantos	121
Canção "mimo de Venus"	124
A' bandeira Nacional	125

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

PQ
9697
S556C3

Simoes, Jeronymo
Cantos do inverno

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 06 23 05 016 0